

Valéria Heloisa Kemp

CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUJEITO EM LACAN

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de mestre no curso de
Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas (FAFICH) - UFMG.

Orientador: Prof. Doutor Hugo Cesar Da
Silva Tavares

Belo Horizonte, 1994.

Agradeço ao professor:

Hugo Cesar Da Silva Tavares pelo valioso acompanhamento e incentivo durante a elaboração desta dissertação.

Aos amigos psicanalistas pelo apoio e pelas sugestões.

A **José Flávio**, meu marido, pelo estímulo.

Considerações sobre o sujeito em Lacan

(por Valéria Heloisa Kemp)

Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora
constituída pelos professores:



Doutor Hugo Cesar Da Silva Tavares



Doutor Walter José Evangelista



Doutor Jeferson M. Pinto

Departamento de Filosofia da FAFICH _ UFMG

Belo Horizonte, 31 de março de 1994

3.3 - O Real na Psicanálise -----	60
3.4 - A Topologia nos Escritos de Lacan -----	61
3.5 - Sobre o Gozo -----	66
3.6 - A Dimensão do Gozo no Sintoma e na Fantasia -----	66
3.7 - Do Impasse Freudiano ao Passe Lacaniano -----	68
3.8 - A Contingência do Final da Análise -----	70
CONCLUSÃO -----	73
BIBLIOGRAFIA -----	78

◁ | *Introdução*

"Com Freud, faz irrupção uma nova perspectiva que revoluciona o estudo da subjetividade e que mostra, justamente, que o sujeito não se confunde com o indivíduo (...) talvez, seja este o passo mais decisivo do ponto de vista científico."¹

A problemática da subjetividade está presente em todo texto lacaniano, desde a fase preliminar de seus escritos (1936 - 1953) até a consolidação de sua teoria (de 1970 em diante). No início, Lacan refere-se ao seu trabalho como um retorno à Freud, uma retomada de noções fundamentais da Psicanálise como a subjetividade dividida e o conseqüente advento do inconsciente. Com o desenvolvimento de seu trabalho, volta-se para a sistematização de conceitos próprios, dentre eles as dimensões do Real, do Simbólico e do Imaginário, estabelecendo o advento da subjetividade a partir dessas dimensões.

Tais constatações inspiraram a delimitação dos seguintes pressupostos e objetivos para a presente dissertação: adotar uma postura epistemológica, para ler os textos de J. Lacan e investigar como neles se dá a construção da noção de subjetividade, referendada a partir dos registros do Real, do Simbólico e do Imaginário, bem como buscar a articulação dessa concepção com os parâmetros técnicos indicados para a realização de um tratamento.

Para desenvolver o tema da subjetividade, tal como concebido na psicanálise lacaniana, examinei grande parte da obra do autor, bem como outros autores que tratam o tema. Na literatura lacaniana consultada se percebeu que esse tema está presente em todo

¹ J. Lacan. *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-55). Seminário, Livro2, Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

seu discurso e, embora se submeta a um caráter de sucessão e continuidade, sofre também transformações ao longo do tempo em conformidade com o conjunto de sua obra. Também foram notórias as indicações superficiais, feitas por Lacan às referências filosóficas que utiliza, deixando ao leitor a tarefa de pesquisar os fundamentos de alguns de seus desenvolvimentos teóricos. Já os outros autores examinados apresentam o tema da subjetividade sempre inserido em abordagens mais extensas e utiliza como ponto central de análise. Tal verificação contribuiu para a confirmação da direção da pesquisa, qual seja, a sistematização do tema da subjetividade lacaniana, tomada como objeto principal.

Para desenvolver a pesquisa, foi necessário fazer-se um corte transversal na obra lacaniana consultada. Utilizou-se, para estudo, a maior parte dos textos dos *Escritos* de Lacan, alguns Seminários, e outros textos lacanianos publicados separadamente. Quanto aos *Escritos*, a edição mexicana da editora Siglo XXI, foi utilizada com prioridade, dada a boa qualidade de sua tradução, porém, o texto original publicado pela Seuil foi cotejado todo o tempo. Como a retomada de textos freudianos foi uma constante no trabalho de Lacan, vários volumes da edição Standard Brasileira das obras de Freud, também foram consultados. Ainda foi objeto de estudo alguns textos filosóficos, que foram referência para Lacan no tratamento da noção de subjetividade.

O texto da dissertação foi construído da seguinte forma: no primeiro capítulo exploro a noção de Imaginário elaborada por Lacan, destacando suas formulações a respeito da constituição do eu humano fundada numa relação imaginária. A exposição desse tema induz uma discussão a respeito das diferenças entre a proposta psicanalítica e aquela da psicologia clássica relativa à concepção do eu e ao modo como tais concepções determinam os procedimentos utilizados no tratamento clínico. O segundo capítulo tem como tema a dimensão do Simbólico. Tratar a questão da subjetividade na teoria psicanalítica implica necessariamente que se leve em conta a dimensão do Simbólico, uma vez que a instauração dessa dimensão traz consigo o advento do sujeito e também o estabelecimento do inconsciente. A importância do tema, portanto, parece ter determinado a maior extensão

desse capítulo. No último capítulo, a noção de Real é privilegiada e descortina a dimensão epistemológica do trabalho de Lacan, mostrando a redefinição feita pela Psicanálise sobre a noção de realidade. Esse tipo de saber elaborado a respeito do Real traz consequências para o alargamento dos limites da clínica psicanalítica.

1 | A Tematização do Imaginário

Em *O Estádio do espelho*¹(1936), bem como em vários outros textos da década de 40, Lacan empreende uma discussão acerca da noção de subjetividade na Psicanálise. Segundo ele, a experiência psicanalítica revela questões "opostas a toda filosofia derivada diretamente do *cogito* cartesiano"². A emergência da noção de subjetividade na Filosofia moderna se dá com Descartes no século XVII. Isso não quer dizer que tal idéia estivesse ausente do discurso filosófico até então. No interior mesmo da filosofia platônica, esse tema já tem lugar. Porém, se o discurso filosófico anterior a Descartes se envolve, em especial, com o problema da substância, isso significa apenas que a subjetividade ainda não se tinha constituído como problema para a Filosofia. Sendo o primeiro a formular o tema da subjetividade dentro da Filosofia, Descartes afirma a certeza do cogito, diante da incerteza com relação à realidade do mundo objetivo. A partir desse instante, há um primado do sujeito sobre o objeto, do interno sobre o externo, da consciência sobre o ser. A subjetividade se torna referência central para o conhecimento e a verdade. Tanto as correntes racionalistas quanto as empiristas continuam admitindo que o lugar da verdade é a

¹ - O texto *Le Stade du miroir Theorie d'un moment structurant et génétique de la constitution de la réalité, conçu en relation avec l'expérience et la doctrine psychanalytique* foi proferido no XIV Congresso Psicanalítico Internacional, Marienhad, agosto de 1936. Trata-se de um texto inédito, que foi indexado, em 1937, ao *The International Journal of Psychoanalysis*, vol. 18, parte 1, intitulado "The looking glass phase". Este tema é retomado por Lacan nos textos que escreve em seguida, em especial na comunicação feita no Congresso de Zurique, em julho de 1949, intitulada "Le Stade du miroir comme formateur de la fonction du je telle qui elle nous est révéllé dans l'expérience psychanalytique" *Écrits*. Paris, Seuil, 1966, p. 237-322.

² - J.Lacan "El Estádio del espejo como formador de la función del yo (je) tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica." *Escritos*. México, Siglo Veituno, 1984, p. 86

consciência (via representação). Portanto, ora apelando para a razão, ora para a experiência, essas correntes apontam como alvo o reino da verdade, ou seja a consciência. Mesmo tendo mudado muitas certezas desde Descartes, a certeza do *cogito* continuou inabalável na filosofia moderna: a consciência é o absoluto. A Psicologia é herdeira desse pensamento ao:

"(...) considerar unitário o próprio fenômeno da consciência, ao falar da mesma consciência como poder de síntese"³.

A Psicanálise opera uma inversão nesse saber existente, ao produzir o conceito de Inconsciente. Como consequência, ocorre a divisão da subjetividade que, a partir de então, não pode mais ser entendida como uma, identificada à consciência e sob o domínio da razão, mas bipartida em sistemas: o inconsciente e o consciente. A razão é considerada apenas como um efeito de superfície em relação à luta interna que domina esses sistemas. E a consciência passa a ser vista não mais como lugar da verdade, porém do ocultamento, da ilusão, da distorção.

Outro ponto importante, que significa uma mudança nas concepções filosóficas contemporâneas ao surgimento da Psicanálise, é o descentramento do sujeito. A filosofia cartesiana instaura um sujeito, identificado com a consciência e situado no lugar da verdade e do conhecimento. O desejo é visto como o perturbador da consciência, como o responsável por transtornar o pensamento e corromper a fidedignidade das representações da realidade. A Psicanálise não mais considera que o sujeito seja a referência primordial para o aparecimento da verdade. Seu eixo de preocupação passa a ser a verdade do sujeito, de preferência ao sujeito da verdade. E aquela verdade reside exatamente no desejo inconsciente, que não é considerado pela Filosofia.

Diante do racionalismo e de sua concepção de unidade do sujeito, a Psicanálise inova, ao apresentar um sujeito dividido (na perspectiva lacaniana), em sujeito do enunciado e sujeito da enunciação. O sujeito do enunciado, como aquele do discurso consciente, que pode dizer "eu penso", "eu sou", porém figurando aí apenas como

³ - J. Lacan, "Posición del inconsciente" (1960). *Escritos*. Op. cit., p. 810.

representação de si mesmo e de sua verdade. O sujeito da enunciação é também o sujeito do inconsciente, o sujeito na verdade de seu desejo, que é oculto de si mesmo pela dimensão da linguagem.

Essa divisão vai produzir uma ruptura entre o dizer e o ser. Advém dessa concepção a inversão da máxima cartesiana proposta por Lacan: "Penso onde não sou, portanto sou onde não me penso". Isso significa modificar a perspectiva cartesiana no que diz respeito à transparência do discurso e à unidade do ser que o sustenta.

Para a Psicanálise, o inconsciente mantém seu caráter de irredutibilidade. Ele é aquilo que não se pode tornar consciente e que não pode ser pensado a partir de um ponto de vista transitório e negativo dos fenômenos psíquicos, diante do qual a análise empreenda uma luta. Na análise, o inconsciente aparece, mas, nem por isso, torna-se consciente. Portanto, não se pode atribuir ao inconsciente um lugar de oposição à racionalidade da consciência. Freud não opõe uma instância à outra; fala de duas ordens distintas. E sua preocupação consiste em formular a lógica do inconsciente e sua mola propulsora, o desejo.

A partir de Freud, é deixada para trás a noção de sujeito identificado com a consciência, voltando-se os olhos para a articulação entre um sujeito do inconsciente e um outro consciente.

1.1 - SOBRE O EGO: O NARCISISMO

A Psicanálise é também um marco no que diz respeito às modificações empreendidas nas noções de "eu" e de "sujeito". Contrapõe-se à noção de "eu", (definida e identificada pela Psicologia à idéia de totalidade da pessoa), a noção de "ego", (conceito proposto pela Psicanálise, que incorpora a idéia de subjetividade dividida).

No texto *Sobre o Narcisismo - uma introdução*⁴, Freud põe em primeiro plano a noção de *ego* na teoria psicanalítica. Esse texto é retomado por Lacan no *Seminário* a propósito do tema do imaginário⁵. Segundo Lacan, esse artigo sobre o narcisismo reflete um esforço de Freud no sentido de aprimorar a conceituação teórica psicanalítica, defendendo sua originalidade e especificidade, principalmente diante das propostas junguianas. Freud contesta, em especial, a dessexualização da *libido* operada por Jung. A noção de *libido* torna-se falha, se generalizada, neutralizada. Ou seja, para Jung, o que há é uma

"(...) noção vaga de interesse psíquico, que confunde num único registro o que é da ordem da conservação do indivíduo e o que é da ordem da polarização sexual do indivíduo nos seus objetos"⁶.

No artigo sobre o narcisismo, Freud preocupa-se em deixar clara a distinção entre *libido* do *ego* e *libido* objetal. Para manter a rigorosa distinção entre as duas libidos e também conservar a noção de equivalência energética entre elas, Freud elabora os conceitos de narcisismo primário e narcisismo secundário.

Abordarei tal tema tomando como referência o *Vocabulário de Psicanálise*⁷ que, ao definir o conceito de narcisismo, marca alguns pontos sobre sua evolução na obra de Freud :

"Narcisismo primário é definido como aquele que designa um estado precoce em que a criança investe toda sua *libido* em si mesma. E narcisismo secundário, como aquele que designa retirada dos seus investimentos objetais."⁸

A princípio, nos textos de 1910-15, Freud distingue um estado em que as pulsões sexuais se satisfazem de forma anárquica, independentemente umas das outras - o autoerotismo -, e o narcisismo em que é o *ego* em sua totalidade que é tomado como objeto de

⁴ - CF. S. Freud, *Sobre o Narcisismo - uma introdução*(1914). vol. XIV das Obras Completas de Freud, Ed. Standart Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1969.

⁵ - J. Lacan. *Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Seminário, Livro 1. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 136

⁶ - Id., Ib.

⁷ - J. Laplanche, J. - B. Pontalis. *Vocabulário de Psicanálise*. Santos, Martins Fontes, 1979, p. 365-70.

⁸ - Ib., p. 368.

amor, concepção que faz coincidir o narcisismo infantil com os momentos formadores do *ego*. Mais tarde, com a elaboração da Segunda Tópica, Freud designa, através do termo "narcisismo primário", sobretudo, um primeiro estado de vida, onde a criança toma a si mesma como objeto de amor, antes de escolher objetos exteriores, ou seja, um estado anterior à diferenciação do *ego* do qual a vida uterina seria o arquétipo, suprimindo assim, a distinção entre o auto-erotismo e o narcisismo.

Essa última concepção sobre o narcisismo gera várias objeções. Uma delas indica uma contradição relativa à própria etimologia do termo narcisismo, que supõe sempre uma referência a imagem de si mesmo, segundo o modelo do outro. Por isso, conclui Laplanche que o termo narcisismo primário é inadequado para designar uma fase descrita como anobjetal. Outra objeção parte de autores, em especial Melanie Klein, que defendem a existência, desde logo no lactente, de relações objetais.

Sem dúvida, é a partir da formulação do conceito do narcisismo secundário que Freud retoma a idéia de um narcisismo contemporâneo da formação do *ego* por identificação com outrem.

Com efeito, em *Os escritos técnicos de Freud*, Lacan diz :

"Freud é levado a conceber o narcisismo como um processo secundário (...) é na medida em que a *libido* é desinvestida do objeto que ela volta a se reportar no *ego*"⁹

São essas idéias deixadas por Freud que confirmam a importância das formulações lacanianas referentes à fase do espelho, indicando que o eu humano se constitui fundamentado na relação imaginária¹⁰. Freud postulava não a existência de um *ego* originário, princípio de unidade individual, mas sim, de um auto-erotismo, de um momento anárquico da sexualidade, onde as pulsões parciais se ligam aos órgãos em seu funcionamento ou às zonas erógenas, porém fora de qualquer alusão a uma imagem de corpo unificado ou de *ego*. Dessa forma, o narcisismo primário só pode ser entendido como o

⁹ - J. Lacan. *Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Seminário, Livro 1. Op. cit., p.136.

¹⁰ - As articulações relativas à fase do espelho serão vistas, em detalhe, ainda neste capítulo.

princípio de unificação do auto-erotismo. As pulsões auto-eróticas, em seu funcionamento anárquico inicial, dirigem-se indistintamente a qualquer objeto. Com o narcisismo, organizam-se em unidade, dirigindo-se ao *ego* que passa a ser investido como um objeto dentre tantos.

Com relação à escolha de objeto, Freud diferencia os tipos anaclítico e narcísico. A escolha anaclítica, tão imaginária quanto o outro tipo de escolha, encontra sua referência num modelo primitivo, tomando como objeto de amor a reprodução das figuras parentais que tiveram papel de apoio, proteção e alimentação. O tipo narcísico toma a si mesmo como modelo e é fixado porque:

- 1 - ama a si, enquanto si mesmo;
- 2 - ama o que se foi;
- 3 - ama o que se queria ser
- 4 - ama a pessoa que foi uma parte do seu próprio eu"¹¹

Ao perguntar sobre o que acontece com a libido no eu adulto, Freud alega que ela não se converte inteiramente em investimentos objetais, graças à função normalizante do recalque que procede do *ego* nas suas exigências éticas e culturais. Se pessoas diferentes reagem de forma diferente, aceitando ou rejeitando as mesmas impressões, vivências, impulsos e excitações, tal diversidade está relacionada com o fato de que as pessoas constroem ideais de *ego* próprios, a partir dos quais regulam seu *ego* atual. O amor de si que, no início da vida, era dirigido ao *ego* real, agora vai para o *ego* ideal. Freud emprega no mesmo parágrafo, os termos *ego* ideal e ideal de *ego* para designar a orientação libidinal para o *ego* e para a procura da reconquista da perfeição narcísica infantil. Seu intuito é iniciar uma explicação sobre a distinção entre esses termos, que é estabelecida, em seguida, a propósito de outra polarização: entre sublimação e idealização.

A sublimação é um processo da libido objetal e diz respeito à substituição do objetivo sexual da pulsão por outro objetivo. A idealização, diversamente, é tanto possível no domínio da libido do eu, quanto no da libido objetal. Ela diz respeito ao objeto que é

¹¹ - J. Lacan. *Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Seminário, Livro 1. Op. cit., p.155.

aumentado ou elevado, e isso sem modificação em sua natureza, ou seja, ocorre um deslocamento da libido tanto em direção a uma forma do eu ideal, quanto a um ideal do eu buscado em algo que esteja para além da forma do eu. O ego ideal está fundado sobre o narcisismo primário, propiciando uma identificação pré-edípica, ao passo que o ideal do ego já resulta em uma identificação narcísica secundária, uma identificação com o outro. Segundo Lacan, a idealização está no plano do imaginário (*ego ideal*) e a sublimação, no simbólico (*ideal de ego*).¹²

1.2 - NOVAS FORMULAÇÕES SOBRE O EGO

A oposição entre *ego* e inconsciente é repensada por Freud no início dos anos 20. Conseqüentemente o *ego* não pode mais ser identificado somente com a consciência ou com o sistema pré-consciente.

Com a elaboração da Segunda Tópica, em especial no texto *O ego e o id* (1923)¹³, Freud efetua um deslocamento temático: se, na Primeira Tópica, centrava sua atenção na economia libidinal; na Segunda, volta-se para o confronto da *libido* com algo que lhe é externo, representado pelo que a cultura impõe como renúncia. Portanto, as elaborações sobre o *ego*, o *id* e o *superego* não vêm substituir as anteriores sobre o consciente, pré-consciente e inconsciente. Segundo Paul Ricoeur¹⁴, esse deslocamento é efetuado em direção ao exterior, à cultura. Na Primeira Tópica, a atenção é voltada para o recalcado; na Segunda Tópica, é o recalcador que recebe maior prevalência. É a mesma questão que, ao ser tratada pormenorizadamente e através de seus dois pólos, torna-se melhor elaborada. A

¹² - Id., ib.

¹³ - CF.S. Freud. *O ego e o id* (1923). Vol. XIX das Obras completas de Freud.
Op.cit.

¹⁴ - Paul Ricoeur. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1977, cap. II, parte II.

partir desse deslocamento temático, o *ego* é enfocado como aquele que, embora se ligue à consciência, não se limita a ela.

Nessa perspectiva, Lacan retoma o enunciado de Freud " *Wo Es war, soll Ich werden*".¹⁵ Critica sua tradução inglesa, publicada pela Standart Edition - " *Where the id was, there the ego shall be*" -, indicando que ela propicia uma mudança de sentido do enunciado freudiano :

"Freud não disse: *das Es*, nem *das Ich*, como faz habitualmente para designar essas instâncias"¹⁶

Nesse momento, portanto, Freud preocupa-se menos com uma descrição tópica do que com o estabelecimento da

"(...) distinção fundamental entre sujeito verdadeiro do inconsciente e o eu¹⁷ como constituído em seu núcleo por uma série de identificações alienantes"¹⁸.

Freud está demarcando a divisão da subjetividade e suas diferentes maneiras de ser: o eu, sujeito do enunciado, não conhece a verdade do desejo inconsciente (do sujeito da enunciação).

De fato Lacan observa:

"(...) é no lugar *Wo*, onde *Es*, sujeito desprovido de qualquer *das* ou de outro artigo objetivante, *war*, estava, é de um lugar de ser do que se trata, e que ali se anuncia, *Ich*, eu (*je*), ali devo eu, *werden* chegar a ser, ou seja, não sobrevir, nem sequer advir, senão vir à luz desse lugar mesmo enquanto que é lugar de ser."¹⁹

¹⁵ - CF. S. Freud. Conferências XXI: *A dissecação da personalidade psíquica*(1933[1923]). Vol. XXII das Obras Completas de Freud. Op. cit., p. 102.

¹⁶ - CF. J.Lacan, "La cosa freudiana e o sentido del retorno a Freud en psicoanálise"(1956), *Escritos*, Op. cit., p. 399.

¹⁷ - Lacan usa o termo eu referindo-se ao *ego*, conceito psicanalítico, diferente do eu da Psicologia. Para designar o eu, construção imaginária anterior à linguagem, usa o termo francês *moi* , e usa *je* para indicar o eu constituído numa experiência de linguagem , em referência ao tu (ao outro).

¹⁸ - CF. J. Lacan, "La cosa freudiana o sentido del retorno a Freud en psicoanálisis"(1956). *Escritos*.Op. cit., p. 399.

¹⁹ - Id., ib.

E propõe a seguinte tradução:

"Ali onde se era, meu dever é que eu venha a ser".²⁰

1.3 - FUNÇÃO IMAGINÁRIA DO *EGO*

No seminário 1, Lacan convoca a atenção dos ouvintes para a confusão que se opera, após Freud, em torno da noção do ego, compreendido como função psicológica da síntese.

"Freud, apesar das dificuldades que teve com a formulação do ego, nunca perdeu o fio metapsicológico."²¹

Ou seja, para a Psicanálise, o ego é compreendido como um objeto imaginário do sujeito, aquele em que ele se apoia para sua recusa à verdade.

As críticas de Lacan vão em direção aos seguidores de Freud que, interpretando-o mal, não consideram a função eminentemente imaginária do ego e procuram reforçá-lo, tomando-o como ponto de guia durante o processo de tratamento. Ao agir assim, não conseguem perceber que é o sujeito - como representado entre os significantes - e não o ego, que se deve tomar no percurso em direção à verdade.

Para Freud e Lacan, o conceito de ego é completamente diferente do eu proposto pela Psicologia clássica. Ao contrário dessa psicologia, que tem suas raízes na filosofia cartesiana²², o ego não mais será uno, nem designará o lugar da verdade do sujeito. Ele designará, agora, a imagem que o sujeito tem de si mesmo.

²⁰ - Id., ib.

²¹ - J. Lacan. *Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Seminário, Livro 1. Op.cit., p. 192.

²² - Pode-se extrair do *cogito* cartesiano que a verdade é habitante da interioridade do eu, e que há identificação entre consciência e sujeito.

1.4 - A FASE DO ESPELHO²³

Apaixonado pela sua imagem refletida nas águas claras do lago, Narciso perde-se numa contemplação incansável, chegando mesmo a fundir-se às representações das folhagens e das rãs. A fascinação diz respeito à busca de compreensão da constituição da imagem que, enigmática, é feita de ausência, vela uma falta.

Lacan usa a metáfora do espelho para explicar uma experiência na história do indivíduo, situada entre 6 a 18 meses; nesse período, a criança consegue configurar a imagem de seu próprio corpo como totalidade, por identificação com o outro.

Essa experiência se dá, bem entendido, dentro de uma dimensão imaginária, pois aquilo com que a criança se identifica é uma imagem virtual, não é ela, mas algo diante do qual ela pode se reconhecer. É que essa tomada de consciência da unidade do corpo ocorre no momento em que a criança ainda não adquiriu maturidade fisiológica completa que lhe permita integrar suas funções motoras e ter domínio real sobre seu corpo. Nas palavras de Lacan :

"Só a vista da forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, prematuro em relação ao domínio real."²⁴

Portanto, nesse momento, o sujeito antecipa-se através da percepção visual à aquisição completa do domínio fisiológico e psicológico. Sendo assim,

"(...) passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo - dimensão essencial do humano, que estrutura toda sua vida de fantasia"²⁵

23. Denominaremos fase do espelho (*phase* - termo francês), e não "estádio" do espelho (*stade*) que seria tradução literal do termo empregado por Lacan (1936). Para essa escolha, seguimos J. Laplanche e J.B. Pontalis que, no *Vocabulário de psicanálise* (p. 297), indica a conveniência do termo *phase* - momento de viragem - melhor do que o emprego do termo *stade* - etapa de maturação psicobiológica, questão também assinalada pelo próprio Lacan no texto "El estadio del espejo como formador de la función del yo" (1949). Op. cit., p. 174.

24 - J. Lacan. *Os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Seminário, Livro 1. Op. cit., p.96.

25 - Id., ib. p. 96.

Na experiência da aquisição da imagem do corpo, pode-se distinguir três momentos:

1 - A imagem no espelho é percebida pela criança como um ser real possível de ser capturado. Ela não consegue distinguir entre si própria e o outro. Por isso ela acredita ver na sua imagem o outro, o que explica o transitivismo vivido pelas crianças nessa fase. Essa primeira percepção da imagem é marcada por mímicas de júbilo por parte das crianças.

2 - Agora a criança já percebe que aquilo que vê refletido no espelho é uma imagem e não um outro ser real. "Distingue a imagem do outro da realidade do outro"²⁶.

3 - Esse é o momento no qual a criança finalmente percebe que a imagem no espelho é a sua própria.

A criança que, até então, tinha a vivência de seu corpo como fragmentado (*morcelé*), a partir dessa experiência passa a reconhecer-se como totalidade corporal. Esse momento é estruturante para a identidade do indivíduo e Lacan considera-o como a matriz simbólica a partir da qual se constituirá o primeiro esboço do eu. Porém, a identificação com a imagem unificada realiza-se sempre de forma especular e do ponto de vista exterior. O sujeito ainda não pode sentir-se uno a partir do interior.

"Esta unidade é subitamente oferecida no modo arquetípico de uma Gestalt imaginária de si mesmo. Imaginário devendo ser entendido no seu duplo sentido: referindo-se tanto à ordem da imagem quanto ao que é fictício e irreal"²⁷.

Além disso tal identificação pode ocorrer tanto diante da imagem no espelho quanto diante de um outro semelhante. Em ambos os casos, no entanto, o que possibilita o sucesso dessa experiência é o olhar desse outro enviando-lhe de volta sua imagem, é o reconhecimento por parte do outro, em geral, a mãe. Ela passa a ser o Outro, lugar de onde já se abre a

²⁶ - J. Dor. *Introdução à leitura de Lacan*. Porto Alegre, Artes Médicas 1989, p. 80.

²⁷ - A. De Waelhens. *La psychosis*. Marid, Morata, 1982, p.58. As observações que se seguem têm referência no segundo capítulo deste livro de A. De Waelhens.

possibilidade de entrada no simbólico, ponto inaugural para o deslocamento que será o recalçamento primário.

Conforme indica Piera Aulagnier,²⁸ antes mesmo do nascimento - separação real dos seres - a criança já existe para a mãe como uma e como outra, e é isto que tornará possível o jogo das identificações e dos reconhecimentos. Portanto, a mãe normal construirá um "corpo imaginado" para a criança, quando ela ainda é um embrião em desenvolvimento. Após o nascimento, este "corpo imaginado" será constantemente interpelado na relação mãe-criança e "vai oferecer ao sujeito aquele ponto de referência fora de si mesmo, que lhe permitirá ver-se como outro"²⁹, um ego especular e ideal com o qual se identificará. A mãe do psicótico, ao contrário, tem uma relação real com o embrião. Não há investimento libidinal sobre o corpo do feto como corpo de outro ser, distinto de seu próprio corpo. Essa mãe demonstra uma incapacidade absoluta de simbolizar um significante corporal para o feto. E não dando possibilidade a inserção do filho na relação com o outro, a mãe faz com que fique comprometida sua interação na cadeia simbólica. Seu advento como sujeito de desejo, instaurado somente através da ordem simbólica, é impedido e a criança permanece como objeto do desejo da mãe.

Cabe aqui iniciar um esclarecimento a respeito das dimensões imaginária e simbólica já referidas. Na fase do espelho, a criança possui apenas relações duais, características da dimensão imaginária. Tais relações pressupõem uma vinculação imediata entre o si e o outro³⁰, que se faz sem a mediação da linguagem. No jogo especular, ao procurar a realidade de si mesmo, o que a criança encontra é a imagem do outro com o qual se identifica e na qual se aliena. Porém, mesmo vivendo essa fase dual, imaginária e ainda não tendo acesso à

²⁸ - Piera Aulagnier Spairani. "Remarques sur la structure psychotique", *La Psychanalyse*, nº 8, 1964, p. 51.

²⁹ - A. De Waelhens. *La psychosis*. Op. cit., p. 49.

³⁰ - As elaborações relativas à fase do espelho caracterizam uma retomada, feita por Lacan, da dialética da consciência hegeliana. Lacan seguirá de perto tanto a dialética da consciência, quanto a dialética do desejo desenvolvidas por Hegel em *La phénoménologie de l'esprit*, trad. J. Hyppolite, vol. 2., Aubier - Montaigne, Paris, 1941.

dimensão simbólica, a criança já está sendo simbolizada por outros. Ela é nomeada e falada pela mãe e pela família, seu lugar está marcado simbolicamente. A mãe normal vive a relação inicial com a criança, situada na dimensão do simbólico. Assim, a dialética da fase do espelho, mesmo tendo seus pilares no imaginário, de antemão se encontra sob a regulação do simbólico. Por outro lado, deve-se notar que o processo de identificação especular é inaugurado dentro da ordem de uma ilusão visual, na qual o sujeito se reconhece numa forma antecipada, em algo que ainda não é ele. Esse processo traz consequências importantes. A primeira delas diz respeito à descoberta de si mesmo, que é também "a descoberta da alteridade de si mesmo instalada em si mesmo"³¹. Fato que marca o processo de identidade por um caráter imaginário, por um desconhecimento em relação a si mesmo. A frase de Rimbaud é neste sentido, bem apropriada: "Eu é um outro". A segunda consequência está relacionada ao sujeito exposto diante de sua

"(...) tentação de evitar a tarefa de enganar-se a si mesmo e de trocar essa tarefa por outra (...) que consistiria em querer igualar-se absolutamente a esta imagem especular de si mesmo(...). Mas será precisamente a radical impossibilidade de alcançar absolutamente esta imagem ideal de si mesmo - a promovida pela imagem especular - de coincidir com ela, o que vai desencadear contra esta mesma imagem a agressividade do sujeito decepcionado por não conseguir alienar-se nela. É então que narciso se coloca na espera contraditória de destruir esta imagem, penetrando nela, ou melhor, de deixar subsistir somente ela, fazendo desaparecer aquele que haveria de iguala-la".³²

O que a Psicanálise denomina narcisismo é exatamente esse nó imaginário que corresponde à relação que se pode estabelecer entre a imagem e a tendência suicida contida no mito do Narciso. É também uma referência à dialética hegeliana da consciência e do desejo, retomada por Lacan, que aproxima a idéia de narcisismo daquela de pulsão de morte. No capítulo seguinte, ver-se-á como Hegel trata o tema da morte dentro dos

³¹ - A. De Waelhens. *La psychosis*. Op. cit., p. 59.

³² - Id., *ib.*

parâmetros de uma relação que fundamenta a própria constituição do sujeito. Neste ponto, indicaremos apenas como algumas formulações se apresentam em Lacan. Para ele, o sujeito só se humaniza quando supera a relação dual especular, que o alienava no outro, e é a entrada no simbólico que permitirá a significação da vivência imaginária. Esse estado especular implica numa relação de confrontação, de rivalidade entre os sujeitos e visa a destruição / incorporação do desejo do outro. A superação dessa confrontação - que, se radical, causaria a destruição de um dos sujeitos e o fim da dialética - é a emergência do simbólico. A submissão a um terceiro elemento - a Morte - é que irá mediar e tornar possível uma relação que inclua o reconhecimento entre os dois sujeitos. Segundo Lacan, é a morte (recalcamento) do desejo, enquanto natural e inserido na ordem das coisas, que tornará possível sua humanização. O desejo só se torna humano, quando pertence à ordem simbólica. A morte, pois, imprime sua marca de várias maneiras. Por um lado ela ocorre na experiência especular. O júbilo da criança ao se perceber no espelho é também seguido de um recuo. Com efeito, segundo Luce Irigaray³³, isso se dá, porque a Gestalt da imagem instaura o descontínuo e, tal como significante, tem uma função de corte. Antes de se ver, o sujeito era forma indefinida, sem limite ou cortes. A definição da imagem trará para o sujeito a estrutura significante portadora da morte. Em seu caráter de totalidade e finitude, a imagem é enganadora, pois não suporta sua repetição, uma vez que lhe falta a possibilidade de sucessão temporal. Ela não se associa a nada que a preceda ou a suceda. Situando-se fora do tempo, o sujeito não encontra forma e lugar de se exercer. Ao entrar na ordem simbólica, o sujeito torna-se não especularizável, porém permanece, de certa forma, guardião da especularização. O desejo inconsciente insiste em realizar-se através da cadeia significante. E há sempre uma procura em restabelecer as ilusórias experiências fusionais de satisfação plena, o desejo realizado no plano imaginário. Por outro lado, a entrada no simbólico, ao permitir ao sujeito superar o desejo de morte que tem para com o outro, produz, no mesmo

³³ - Luce Irigaray. "Communications linguistique et spéculaire". *Sur l'objet de la psychanalyse*. Cahier pour l'analyse. , Paris, mai/juin/1966. p. 39-55.

momento, a sua própria morte, como sujeito do desejo inconsciente, sujeito da enunciação. Ele faz sua entrada na ordem da linguagem como excluído, com a marca da morte já inscrita em si. Os caminhos para os engodos do discurso são, então, abertos. O sujeito oculta-se através de um jogo sem fim de palavras: quando diz "eu minto", sabe estar dizendo a verdade, e seu enunciado constitui sua mortalha. O sujeito só tem condições de denunciar esta morte antecipada que o exclui, quando se encontra na condição de sujeito da enunciação, separada de seu enunciado.

Outro aspecto relacionado à imagem especular é abordado por De Waelhens. Para ele, ela possui, além de efeitos prospectivos, outros retrospectivos. Freud usa o termo *nachträglichkeit* para indicar

"experiências, impressões, traços mnésicos que são posteriormente remodelados em função de experiências novas, do acesso a outro grau de desenvolvimento. Pode então ser-lhe conferida, além de um novo sentido, uma eficácia psíquica"³⁴

Por exemplo, um acontecimento qualquer na vida da criança pequena só virá a ter caráter traumatizante após o amadurecimento necessário para que tal acontecimento possa adquirir significação da experiência pré-especular do corpo fragmentado. Experiência muito comumente atualizada na esquizofrenia e possível de figurar nos sonhos e nas produções artísticas. Esse processo de significação retroativa que ocorre na fase do espelho tem suas raízes no imaginário, mas só é possível, porque já se encontra sob a regulação do simbólico. Por trás da cena imaginária do espelho e do reconhecimento, que se realiza pela forma antecipada do corpo numa Gestalt, já há indícios de um esboço de cadeia simbólica. Portanto, a significação que ocorre no plano do imaginário só é possível, porque já há articulação com a cadeia significante.

De Waelhens³⁵ põe ainda em evidência a imagem especular, indicando seu papel na transformação do eu especular em eu social e suas consequências sobre a natureza do

³⁴ - J. Laplanche e J.B. Pontalis., "Vocabulário de Psicanálise." Op. cit., p. 441.

³⁵ - A. De Waelhens. *La psicosis*. Op. cit., p. 61.

conhecimento. Segundo ele, a experiência da imagem especular determina a existência de um par imaginário, constituído pelo si mesmo e pelo outro, unidos por uma relação narcísica. O interesse que o sujeito tem pelo outro é mantido pelo interesse que tem por si mesmo, porque o que vê no outro é a imagem de si mesmo. Essa visão dará possibilidade que se diga eu. O outro do par, portanto, terá destaque, pois

"desempenhãrá o papel de norma, de imago, do que tenho que ser... para ser"³⁶.

O par imaginário é marcado por três aspectos principais: o narcisismo, o transitivismo e a agressividade. Nesta fase especular, o investimento libidinal sobre o outro só existe, porque a imagem do outro é a minha própria imagem. O investimento é narcisista, pois é dirigido à própria pessoa (narcisismo primário). O transitivismo, nessa fase, pode ser observado no comportamento de crianças em presença de seus semelhantes." Uma criança bate e diz ter apanhado, o que vê o outro cair, chora"³⁷. Lacan diz ainda que este aspecto da relação imaginária é também característico de condutas do ser humano adulto. Relações de identificação com o outro evidenciadas por uma

"ambivalência estrutural: escravo identificado com o dèspota, ator com o espectador, seduzido com o sedutor"³⁸.

A agressividade destruidora ocorre diante do desejo seguido da impossibilidade de fazer desaparecer toda diferença entre os componentes do par imaginário. Independente de ser dirigida para um outro componente do par, a agressividade será sempre auto-destruidora, uma vez que eu e o outro somos um só.

Outros pares não imaginários, constituídos posteriormente pelo sujeito, farão sempre alguma referência a este par especular originário. Em especial,

"o paranóico é aquele em que toda relação com o outro é estruturalmente uma reprodução do par especular".³⁹

³⁶ - Id. ib.

³⁷ - J. Lacan, "La agresividad en psicoanálisis"(1948). *Escritos*. Op. cit., p. 107.

³⁸ - Ib. id.

³⁹ - A. De Waelhens. *La psicosis*. Op. cit., p. 49.

A passagem dessa experiência especular e narcisista do outro para uma experiência real, que inclua uma relação entre o eu e um outro eu (alter-ego), é feita através da entrada no Édipo e de sua posterior dissolução.

1.5 - DO IMAGINÁRIO AO SIMBÓLICO

As formulações lacanianas sobre o imaginário são de grande importância, pois tornam possíveis esclarecimentos fundamentais sobre as funções do eu revelados pela Psicanálise. Contudo, mesmo nesse momento inicial de seus escritos, quando o privilégio na elaboração teórica é dado à dimensão do imaginário, outra dimensão, aquela do simbólico, já é indicada como sendo a referência principal, embora isso ainda seja feito de maneira muito sutil.

Como foi dito anteriormente, se o momento do imaginário é colocado como antecedente ao momento do simbólico, isso só deve ser considerado sob a ótica do desenvolvimento individual. É que dentro da construção lógica, exposta por Lacan, se percebe que o simbólico é o momento inicial a partir do qual, e em referência ao qual, o imaginário ganha, retroativamente, entendimento psíquico. É no simbólico que se organiza o mundo de significações do sujeito. Isso mostra que o imaginário não é a ausência do simbólico, porém seu desconhecimento.

A distinção entre esses dois domínios - o do imaginário e o do simbólico - é uma das características da abordagem laciana; corresponde àquela entre o eu, em sua dimensão imaginária, e o sujeito, termo simbólico. Sua teorização sobre a fase do espelho e sua releitura das elaborações de Freud sobre o complexo de Édipo têm o intuito de delimitar a significação da subjetividade na Psicanálise. Segundo Lacan, é na passagem do imaginário ao simbólico que, circunscrita aos limites do fenômeno edípico, se dá a instauração do eu (*je*), inserido no mundo simbólico da linguagem. Distintamente do eu (*moi*) imaginário, objeto de desejo do outro, o eu (*je*) ascende à dimensão de sujeito. Porém, como o que está

em questão é o desejo, essa ascensão ao simbólico só é possível na medida em que ocorre a cisão entre o sujeito da linguagem (ou do enunciado) e o sujeito do desejo recalcado (ou da enunciação).

Portanto, a questão da subjetividade na Psicanálise encontra seu diferencial irreduzível a qualquer outro domínio, quando relacionada ao Édipo e, conseqüentemente, ao inconsciente. Só há psicanálise a partir do momento em que se admite uma subjetividade dividida como conseqüência do recalque.

2 | *A Sistematização do Simbólico*

No capítulo anterior se iniciou uma discussão a respeito da concepção de subjetividade desde o ângulo da Psicanálise. É que a subjetividade, considerada como dividida, é ponto central na teoria psicanalítica e significa uma inversão operada sobre os pensamentos filosófico e psicológico contemporâneos ao surgimento da Psicanálise. De fato, a proposta de Freud não consistiu em tomar a subjetividade tal como pensada a partir da filosofia cartesiana, efetuando sobre ela uma divisão. Ele não procurou pensar uma nova dimensão da consciência, que estivesse oculta, mas procurou, isto sim, indicar um novo objeto, qual seja, o inconsciente.

A instauração do inconsciente e o conseqüente surgimento do sujeito dividido - sujeito do inconsciente e sujeito do consciente - dar-se-á com o advento da ordem simbólica, a qual funda o sujeito a partir das vertentes da fala e da linguagem.⁴⁰ Com efeito, ao ser mediado pela fala, o sujeito supera sua relação dual, imaginária, com o outro, ganha inteligibilidade a respeito de si mesmo, de suas vivências e do outro, ao situar-se como ser social. Também a linguagem é uma estrutura composta por elementos independentes e exteriores ao sujeito que fala. Este lugar, no qual o sujeito se vê inserido, ainda que se mantendo numa posição de exterioridade, é que se constitui a ordem inconsciente, o Outro como o denomina Lacan. Portanto, tratar a questão da subjetividade na teoria psicanalítica implica levar em conta que esta se constitui a partir da instauração da ordem simbólica, que traz consigo o estabelecimento do inconsciente.

A noção de intersubjetividade, outrossim, ganha nova inteligibilidade quando enfocada sob o ângulo da teoria psicanalítica. Se para a filosofia cartesiana e para a Psicologia, o lugar da intersubjetividade é a consciência, para a Psicanálise esta se dá a

⁴⁰ Cf. J.-A. Miller. *Percurso de Lacan*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988, p.19,20.

partir do lugar do Outro, Ordem inconsciente e simbólica, responsável pela articulação das subjetividades individuais. Na filosofia cartesiana o desejo inconsciente é considerado como perturbador da comunicação e logo da intersubjetividade. Na Psicanálise ele é aquilo que propicia o estabelecimento da intersubjetividade, uma vez que, é somente inserido na Ordem simbólica, entendida como Outro, como inconsciente, que pode haver o estabelecimento de uma comunicação intersubjetiva.

Convém lembrar que, a respeito da temática da subjetividade, Lacan toma como referência concepções desenvolvidas por Hegel na *Fenomenologia do Espírito*, dispensando especial atenção à leitura que Kojève faz desse texto.

A questão da constituição do sujeito, a partir de sua inserção na ordem simbólica, será tratada no desenrolar deste capítulo. Já os temas da dialética da intersubjetividade e, conseqüentemente, da dialética do desejo encontram-se desenvolvidos na parte final deste capítulo.

2.1 - DEFINIÇÃO DE SÍMBOLO

A história mostra-nos os símbolos sempre presentes ao representar e influenciar a vida dos homens. O reconhecimento desse fato gerou a necessidade de se definir o que seria o símbolo, tarefa que sempre se mostrou complexa.

Qual pois a etimologia do termo símbolo? Em grego *syn* é uma preposição que remete a idéia de colocar junto e *bol* é um radical que remete a idéia de arremessar, lançar para o alto. *Symbolon* refere-se a um objeto cortado em duas partes, tornado signo de reconhecimento, para dois portadores que, então, podem junta-los novamente⁴¹. Já no latim clássico, *Symbolu* designa signo de reconhecimento, senha e contra senha.⁴²Essas

⁴¹Cf. Maximilien- Paul- Emile Litre. *Dictionnaire de la Langue Française*. Paris, Gallimard, 1968.

⁴²Id., ib.

definições da palavra símbolo indicam algo que é signo de reconhecimento entre um grupo de pessoas iniciadas em algum mistério, fato também que ocorre no caso da senha: por um lado o sentido do que se diz é secundário, por outro basta que se cometa algum lapso ao dizer a senha ou que esta tenha mudado para que se pague um preço alto, as vezes a vida⁴³. Outra definição do termo símbolo apresentada pelo *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*⁴⁴, e talvez a mais usual, diz: "aquilo que, por um princípio de analogia, representa ou substitui outra coisa." Exemplo: a balança é símbolo da justiça. Ou ainda, "aquilo que por sua forma ou natureza evoca, representa ou substitui num determinado contexto, algo abstrato ou ausente." Exemplo: o sol é o símbolo da vida. A água é o símbolo da purificação. Neste último caso, o símbolo aparece como figura de retórica, a metonímia.

Dentre as dezesseis acepções apresentadas pelo último dicionário citado, para definir a palavra símbolo, escolhi essas, por estarem mais próximas do modo como a Psicanálise trata o tema. Além disso, o fato mesmo desse dicionário dar-nos tantas acepções para definir o termo, já é indicativo da dificuldade de sua definição.

Por sua vez, a Linguística debruça-se sobre o tema e opera várias distinções importantes, para aprimorar os conhecimentos sobre a significação simbólica.

Também na Psicanálise, e aproveitando muito do que foi construído pela Linguística, foi necessário que se fizessem distinções, para que o trabalho com os símbolos, dentro da experiência psicanalítica, não se tornasse uma armadilha, na qual vários psicanalistas depois de Freud se precipitaram.⁴⁵ Os princípios mesmos da descoberta freudiana indicam uma submissão dos processos psíquicos inconscientes à dimensão psíquica da linguagem. Portanto, um percurso, ainda que superficial, pelo trabalho de Freud, indicando pontos onde ele se refere explicitamente a questão do simbólico, se faz necessário.

⁴³Exemplo dado por Lacan na conferência "O Simbólico, o Imaginário e o Real", 1953.

⁴⁴Cf. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, 2ª edição.

⁴⁵Este importante ponto sobre a transposição de conceitos lingüísticos para a Psicanálise, operada por Lacan, será tratado mais à frente, no item "O algoritmo lacaniano", desse capítulo.

Nos *Estudos sobre Histeria*, Freud apresenta como último caso o relato da história de Elizabeth Von R. Essa jovem apresentou-se a ele com o sintoma de astasia-abasia, e uma série de queixas referentes a sofrimentos morais enfrentados. Freud põe em questão a relação existente entre esse tipo de sofrimento moral e o sintoma, passando a ouvir o relato da moça, através de sessões de hipnose e de associações livres. Os dados principais de sua história referem-se ao fato de ela ter sido filha preferida do pai, sendo que seu sofrimento tem início após a morte desse. Suas irmãs haviam casado e tinham vida normal. Porém, Elizabeth, que era brilhante e destinada a um futuro importante, nada conseguiu realizar e tornou-se doente. Freud ressalta os seguintes aspectos: "o sentimento de impotência" e impressão de não poder dar um único passo à frente,⁴⁶ e observa: "Em vista disso, fui forçado a supor que entre as influências que participaram da formação de sua abasia, essas reflexões tiveram um papel; não pude deixar de pensar que aquilo que a paciente fizera fora (nada mais, nada menos) procurar uma expressão simbólica dos seus pensamentos dolorosos e que a encontrara na intensificação de seus sofrimentos... Tal simbolização podia dar lugar a sintomas somáticos de ordem histérica"⁴⁷ Ele sublinha, portanto, a importância do mecanismo de simbolização na intensificação do sintoma, ao denomina-lo "conversão por simbolização"⁴⁸.

Ainda nos *Estudos sobre Histeria*, Freud relata o caso da Sra. Cecília, e observa ser este o melhor exemplo de conversão por simbolização.⁴⁹ Tal paciente sofreu durante 15 anos de uma nevralgia facial, que aparecia e desaparecia subitamente e resistia a todo tratamento médico. Após o início do trabalho psicanalítico ela empreendeu uma série de associações pretendendo chegar ao problema. a Sra. Cecília lembrou-se que, pouco antes do primeiro sintoma de nevralgia, houvera uma briga de casal, na qual ela se sentiu

⁴⁶Cf. S. Freud. *Estudos sobre Histeria*. Vol. II das Obras Completas de Freud, Rio de Janeiro, Imago, 1977, p. 201.

⁴⁷Ib., p. 202.

⁴⁸Ib., p. 206

⁴⁹Este mesmo "notável caso" estudado por Freud e Breuer conduziu-os à publicação da *Comunicação Preliminar*. Vol. I das Obras Completas de Freud, p. 207.

profundamente ofendida com o que seu marido lhe dissera. Ela traduziu a questão da seguinte forma: "É como uma bofetada no rosto". Tais palavras substituíram todas as outras referentes à cena. A partir daí ocorreu a "conversão por simbolização": o afeto foi suprimido, e a energia de investimento mudou de registro, ou seja, do domínio do representativo para aquele do somático. Convém, ainda, tomar outro exemplo do mesmo caso, uma vez que, segundo Freud, "parece provar a gênese dos sintomas histéricos apenas através da simbolização."⁵⁰ Aos quinze anos, a jovem Cecília encontrava-se deitada sob o olhar vigilante da rigorosa avó. Inesperadamente sentiu uma dor penetrante na testa, que persistiu por semanas. O olhar da avó chegara até o cérebro e revelara seu medo de que a avó a estivesse olhando com desconfiança. Tal dor, que se havia reproduzido quase trinta anos depois, ao ser abordada, durante o processo de análise, pode desaparecer, ou seja, a moça relatou o episódio e após compreendê-lo, pôs-se a rir. Então, Freud observa, que "algumas vezes a sensação evoca a idéia para explicá-la e por vezes a idéia cria a sensação por meio de simbolização".⁵¹ Ou seja, uma questão se coloca: qual dos dois elementos havia sido o primário (o sintoma cria o símbolo ou o símbolo cria o sintoma?) . Freud discute esse ponto e conclui que

"(...) na realidade, talvez seja errado dizer que a histérica cria essas sensações através da simbolização. Talvez ela não tome absolutamente o uso da língua como seu modelo, mas que tanto a histérica como o uso da língua, extraíam seu modelo de uma fonte comum."⁵²

O tema do simbólico é retomado por Freud na *Interpretação dos Sonhos*. Nesse texto, ele ressalta a possibilidade de se fazer uma interpretação dos sonhos, considerando suas representações simbólicas - imagens e palavras - de maneira científica. Para cumprir tal proposta, ele discute longamente sobre a complexidade que significa lidar com os símbolos. Observa que seria levado

⁵⁰ S. Freud. *Estudos sobre Histeria*, Op. cit. , p. 229.

⁵¹Ib., p. 230.

⁵²Ib., p. 231.

"(...) muito além da esfera da interpretação dos sonhos, se fosse fazer justiça ao significado dos símbolos; se examinasse os numerosos e ainda não solucionados problemas ligados ao conceito de um símbolo"⁵³

Ainda dentro do cuidado que tem em tratar a questão, Freud adverte contra a possibilidade de se decifrar símbolos, que são representações indiretas, por outras formas de representação indireta, sem que se seja capaz de formar um quadro conceitual nítido de suas características.⁵⁴ Freud opta, portanto, por construir um método de interpretação de sonhos que considere em primeiro lugar as "associações livres" de quem sonha, podendo, a partir daí, observar também a existência de "sonhos típicos", baseados em "símbolos típicos", característicos da ideação inconsciente e encontrados no folclore, nos mitos populares, nas lendas, frases idiomáticas, na sabedoria dos provérbios e nos chistes correntes. Ao privilegiar a "associação livre" do sonhador, bem como os mecanismos de deslocamento e condensação característicos do processo onírico inconsciente, Freud pode referir-se a "sonhos típicos" e "símbolos típicos", sem que estes apresentem um significado permanente e fixo. As significações codificadas previamente, as "chaves dos sonhos", para trabalhar o deciframento onírico, não dizem respeito à proposta freudiana, que toma como essencial a palavra do sujeito, para desvelar o inconsciente.

Apesar dos cuidados de Freud em tratar o referido assunto, ele ainda foi motivo de muita confusão para os psicanalistas.

Lacan retoma essa preocupação de Freud, e no texto "Função e Campo Da Fala e da Linguagem em Psicanálise"⁵⁵, estabelece distinção entre o simbolismo analítico e outras

⁵³S. Freud. *A Interpretação dos Sonhos*. Vol.. V das Obras Completas de Freud, p. 374.

⁵⁴Neste ponto do texto, Freud, que não se aprofunda muito mais na questão do símbolo, faz menção ao trabalho que Ernest Jones faz sobre o tema do simbólico. Tal trabalho é também reconhecido por Lacan como aquele que expressa as legítimas preocupações de Freud diante da noção do simbólico. Lacan o comenta e critica no texto "En memoria de Ernest Jones: Sobre su teoría del simbolismo"(1959). *Escritos*, México, Siglo Veintiuno, 1984.

⁵⁵J. Lacan. "Función y Campo de la Palabra y del Lenguaje en Psicoanálisis"(1953). *Escritos*, Op.cit.

formas de simbolismo. O simbolismo não analítico é aquele que remete ao geral ou mesmo ao universal, enquanto que o simbolismo analítico diz respeito ao particular, ao individual do sujeito, mas estando engajado na universalidade de uma linguagem, uma vez que seus referenciais são os mesmos nas várias falas particulares. Além disso, o primeiro remete ao código lingüístico e sua compreensão pode se realizar por meio dos dicionários da língua. O segundo remete à mensagem, e toda mensagem precisa ser decifrada.

Ao falar do simbólico, Lacan sempre se refere a uma ordem do simbólico, a um universo simbólico. Uma ordem constituída por um conjunto de significantes e oposta a toda semelhança ao que possa parecer natural. Ele estabelece pela primeira vez essa distinção entre o simbólico e toda analogia ao natural no texto "Situação da Psicanálise e Formação do Psicanalista em 1956"⁵⁶ Tal distinção torna-se possível, quando Lacan, principalmente em seus trabalhos da década de 50, estabelece a diferenciação entre significante e significado, ao colocar a primazia sobre o significante, chegando, com isso, a elaboração de noções tais como aquela da determinação pelo simbólico ou a super-determinação, como denominou Freud. Isso porque o significante se constitui em cadeias que submetem o sujeito desde antes de seu nascimento e para além de sua morte.

No escrito de 1953, "Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise", Lacan retoma textos freudianos como *A Interpretação dos Sonhos*, *Psicopatologia da Vida Cotidiana* e *o Chiste e o Inconsciente*, com o objetivo de reencontrar o sentido da experiência psicanalítica e de buscar, através desses textos, fundar o paralelo que propõe entre os fundamentos dos processos inconscientes e de alguns aspectos da linguagem. Lacan escreve:

"É bem essa assunção pelo sujeito de sua história, enquanto constituída pela fala dirigida ao outro, que faz o fundo do novo método a que Freud dá o nome de Psicanálise... Seus meios são os da fala, na medida em que ela confere às funções do indivíduo um

⁵⁶ J. Lacan. "Situación del Psicoanálisis y Formación del Psicoanalista en 1956". *Escritos*, Op. cit.

sentido; seu domínio é o discurso concreto, enquanto campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, na medida em que ela constitui a emergência da verdade no real.⁵⁷ (...) Ela só dará fundamentos científicos à teoria, assim como à técnica, ao formalizar de maneira adequada essas dimensões essenciais de sua experiência que são, com a teoria histórica do símbolo, a lógica da intersubjetividade e a temporalidade do sujeito."⁵⁸

2.2- HISTÓRIA DA TEORIA DO SÍMBOLO

O signo saussuriano

Com o objetivo de fundamentar sua proposta de analogia entre a estrutura dos processos inconscientes e a estrutura da linguagem, Lacan lança mão de conceitos da Linguística, porém de forma bastante modificada pela perspectiva em que se situa a Psicanálise. Ele busca em Ferdinand De Saussure a definição de signo linguístico. Tal definição que é apresentada por De Saussure em seu *Curso de Linguística Geral*, significa um rompimento com a tradição linguística de até então, que considerava a língua como nomeclatura, ou seja, como uma lista de termos constituída pelas palavras e as coisas. À essa visão simplista, De Saussure opõe sua concepção:

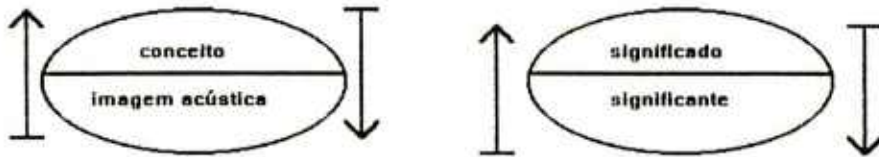
"A unidade linguística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos (...) ambos psíquicos e unidos no nosso cérebro por um vínculo de associação. (...) O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica"⁵⁹

⁵⁷J. Lacan. "Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise"(1953). *Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 122 .

⁵⁸Ib., p. 153.

⁵⁹Ferdinand De Saussure. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, Cultrix, 1980, p. 80.

Ele apresenta seu conceito de signo lingüístico da seguinte forma:



A imagem acústica é compreendida como impressão psíquica do som, sua representação e não como som material. Considera também que o laço que une o significante ao significado é arbitrário; que a ligação entre eles é feita através de convenções e contratos coletivos em uma dada comunidade lingüística; e o fato de existirem línguas diferentes exemplifica o caráter arbitrário do signo. De Saussure diz ainda que os significantes acústicos têm um caráter linear, que sua articulação na língua falada se dá através de uma linha temporal, ou seja, que um termo vem sempre após o outro, formando uma cadeia significante. Esta linha seqüencial orientada expressa a existência de relações de oposição entre os termos, ou relações sintagmáticas. A língua é estruturada segundo leis que regem tanto as relações sintagmáticas - que opõem os termos precedentes e seqüentes de um discurso, encadeando seu sentido - como as relações associativas ou paradigmáticas - que permitem a substituição de um termo por outro, o qual se encontra fora do discurso.

Outro ponto importante ressaltado por De Saussure diz respeito à questão do valor do signo lingüístico, que não é obtido, somente, a partir de sua significação restrita, ou seja de um conceito e uma imagem isolados. Deve-se considerar o signo como inserido num sistema de linguagem onde cada termo desse sistema mantém uma relação de interdependência com os demais. Com efeito diz ele :

"O valor de uma palavra em uma frase será a significação que lhe confere a presença de todas as palavras do código, como também de todos os elementos da frase"⁶⁰

As palavras só têm identidade por oposição à outras palavras dentro do sistema lingüístico do qual fazem parte. Elas não são eficientes pela sua característica exterior, mas por sua

⁶⁰Anika Lemaire. *Jacques Lacan, uma introdução* Rio de Janeiro: Câmpus, 1982, pp. 50.

posição relativa ao sistema . O importante na palavra, pelo viés do significante, são as diferenças fônicas, que permitem diferenciar uma palavra de outra, e não sua sonoridade intrínseca. Já pelo lado do significado, sua peculiaridade ocorre por oposição a outro significado, do qual ele se diferencia. Para esclarecer a questão do valor De Saussure compara o sistema lingüístico ao sistema semiológico da moeda. O que determina o valor da moeda, ou da palavra, é o fato de que elas podem ser trocadas por coisas dessemelhantes. No caso da moeda, por mercadorias, por outras moedas do mesmo sistema ou de outros sistemas. Com relação à palavra, ela pode ser trocada por uma idéia, outra palavra..

A lingüística saussuriana ainda inova ao apresentar duas ordens distintas a partir das quais as relações entre os termos lingüísticos se desenvolve. São as relações sintagmáticas e as relações associativas. Elas correspondem a duas formas de nossa atividade mental diante do exercício da língua. As relações sintagmáticas são estabelecidas a partir da necessidade que os termos de um discurso têm de manter um encadeamento, obedecendo a regra segundo a qual dois elementos não podem ser pronunciados ao mesmo tempo. São, portanto, combinações que se apoiam na extensão, onde os elementos se alinham, um após o outro, na cadeia falada. Já nas relações associativas ocorre que, fora do discurso, as palavras semelhantes se associam na memória, formando o tesouro lexical de cada indivíduo. A relação sintagmática existe *in praesentia*: os termos da relação encontram-se todos ao mesmo tempo presentes no discurso. Ao contrário, nas relações associativas a união dos termos se dá *in absentia*: instalados de forma virtual na memória.

Jakobson⁶¹trabalhou a questão referente às duas operações de linguagem designando-as de seleção e de combinação. Na operação da fala, o sujeito seleciona algumas unidades lingüísticas dentre outras do Código e ao combinar essas unidades liga-as para o estabelecimento do contexto do discurso, que é construído através da articulação dessas unidades em conjuntos cada vez mais complexos, ou seja, dos fonemas aos monemas, destes às palavras, às frases, aos enunciados. Uma consequência da operação de seleção é a

⁶¹R. Jakobson. *Essais de Linguistique générale*. Paris, Minuit, 1963.

possibilidade de substituição de uma unidade por outra do Código, em função do número de associações que se pode fazer com base em algumas similitudes.

O quadro abaixo apresenta alguns termos que fazem referência aos eixos da linguagem.

Seleção	Combinação
Substituição	Contexto
Associação	
Paradigma	Sintagma
Oposições	Contrastes
Similaridade	Contigüidade
Metáfora	Metonímia
Língua	Fala

O algoritmo lacaniano

Ao tomar o signo lingüístico saussuriano e trazê-lo para o domínio da Psicanálise, Lacan o apresenta assim:

Significante	S
<hr/>	<hr/>
significado	s

Lacan não faz uma simples mudança no signo, ele "subverte" a perspectiva proposta pela Lingüística e apresenta uma nova leitura do signo. O que funda essa nova leitura é a apresentação, no signo, de uma barreira resistente à significação. Lacan interpreta a barra, que no signo saussuriano se encontra entre o significante e o significado, como ponto de resistência e não como ligação, como o entendia De Saussure. A função separadora da barra indica, pois, um signo barrado, riscado, destruído na perspectiva de sua significação

representativa. Tal modificação se dá quando Lacan, partindo de seu conhecimento do inconsciente, enuncia que o discurso não se reduz a seu dizer explícito, e que a verdade se furta à linguagem. Sendo assim, entende que a linguagem não pode ser pensada a partir do signo, pela simples razão de que este, tal como entendido pela Linguística, não pode transgredir a lei da representação.

Outra modificação apresentada por Lacan diz respeito à primazia que é dada ao significante, ou seja, à autonomia da cadeia significante em relação aquela do significado. A primeira indicação disso é a inversão efetuada nos termos do signo saussuriano. No algoritmo apresentado por Lacan, o significante passa a figurar sobre a barra. A ausência da elipse, que em De Saussure representa a unidade estrutural do signo, também confirma este caráter da autonomia significante. A afirmação da autonomia do significante em relação ao significado está calcada na possibilidade que a língua tem de significar outra coisa diferente do que diz, e é isso que irá determinar sua autonomia em relação ao sentido.

Os dois eixos da linguagem - o eixo sintagmático e o eixo paradigmático - apresentados pela teoria saussuriana são também considerados pela Psicanálise. Para elaborar esse ponto Lacan ainda lança mão dos trabalhos de Jakobson referentes às duas operações fundamentais da linguagem e destaca as figuras de retórica (a metonímia e a metáfora), relacionadas com essas operações. Do ponto de vista psicanalítico poder-se-ia dizer que todo fenômeno inconsciente está articulado na dimensão sintagmática (metonímica) e na dimensão associativa (metafórica), ou seja, na dimensão da combinação e naquela da seleção. Lacan afirma, então, que a Psicanálise dá mais ênfase aos procedimentos de estilo do que às leis que presidem a organização sintática da frase, e que as formações do inconsciente estão repletas desses procedimentos de estilo. Como diz A. Lemaire⁶², essas formações do inconsciente, tal como se apresentam à consciência, são, como a linguagem, incompreensíveis palavra por palavra. Elas são analisadas com referência aos contextos

⁶²A. Lemaire. *Jacques Lacan, uma introdução*. Op. cit., p.85,86.

subjacentes ao enunciado, que empregam metáforas e metonímias, ou seja, condensações e deslocamentos.

Na Psicanálise o signo saussuriano será compreendido mais na dimensão do símbolo, da metáfora inconsciente do que como o próprio signo restrito a seus confinantes racionais.

Lacan diz que

"Freud opera no domínio próprio da metáfora que não é senão sinônimo do deslocamento simbólico posto em jogo no sintoma"⁶³

É preciso notar ainda que, a grande diferença estabelecida por Lacan, a partir da formulação do algoritmo é que esse representa acima de tudo uma função significante e, portanto, "só pode revelar uma estrutura significante".⁶⁴ É interessante comentar essa formulação, tomando como referência P. Lacoue Labarthe e J.-L. Nancy⁶⁵. Segundo eles, o significante deixa de ser, como o é na concepção da Linguística, apenas uma das partes que compõe o signo, só existindo quando unido à outra parte, o significado. O fato do algoritmo lacaniano representar uma função significante pode ser compreendido de duas formas.⁶⁶ Por um lado, significa que o algoritmo é construído em função da operação do significante, e que se presta a indicar a auto-suficiência desse. O significado entra nesse processo apenas como "efeito segundo", não é aí contemporâneo e, nem mesmo participa dele. Por outro lado, pode-se depreender que o significante funciona da mesma forma que um algoritmo, ou seja, marcado por uma falta de sentido, que é aquilo que caracteriza a autonomia de funcionamento da cadeia alfabética, uma vez que ela é composta por "elementos diferenciais". O sentido dá-se a partir da articulação desses elementos, que apenas por oposição uns aos outros, se relacionam e combinam. Daí a referência ao significante como "buraco estrutural", onde a lei é inscrita como diferença. Portanto, só as correlações do significante com o significado é que darão base às buscas de significação, e, somente ao

⁶³J. Lacan. "Função e Campo da Fala..." *Escritos*. Op. cit., p. 125.

⁶⁴J. Lacan. "A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud"(1957). *Escritos*. Op. cit., p. 231.

⁶⁵Cf. P. Lacoue-Labarthe e J.-L. Nancy. *Le titre de la lettre*. Paris, Galilée, 1973.

⁶⁶Ib. p. 50.

final das frases ou discursos, isto é, somente após a articulação significante completada, é que a significação se fará. Para explicar essa questão, Lacan formula a noção de "ponto-de-estofa", representando o momento em que

"(...) o significante detém o deslizamento, de outro modo indefinido da significação"⁶⁷

E completa dizendo que

"(...) a significação de uma mensagem somente será dada retroativamente, após a articulação de seu último termo"⁶⁸

É essa função diacrônica, metafórica, que definitivamente "eleva o signo à função significante"⁶⁹, uma vez que o significante, em sua cadeia não remete à coisa, mas a outro significante, podendo, assim, abrir o sentido à algo diferente do que expressa. Nas palavras de Lacan:

"O que essa estrutura da cadeia de significante descobre é a possibilidade que tenho - justamente na medida em que esta língua é comum a mim e aos outros sujeitos, isto é, na medida em que esta língua existe - de me servir dela para significar algo totalmente diferente."⁷⁰

2.3- A ESTRUTURA DO CAMPO PSICANALÍTICO

Lacan afirma que a estrutura do campo psicanalítico é constituída pelo símbolo e pela linguagem.⁷¹ O símbolo é colocado em pauta, pelo fato de que no signo o significante remete sempre ao significado, existindo uma referência à coisa (*res*), ao passo que no símbolo o significante preexiste e é autônomo em relação ao significado e sempre se remete a outro significante. A linguagem entendida como símbolo é exemplificada por Lacan através

⁶⁷J. Lacan. "Subversão do Sujeito e a Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano"(1960). *Escritos*. Op. cit., p. 287.

⁶⁸Ib., p. 288.

⁶⁹Id., Ib.

⁷⁰J. Lacan. "A Instância da Letra..." *Escritos*. Op. cit., p. 235.

⁷¹J. Lacan. "Função e Campo da Fala...". *Escritos*. Op. cit., p.130.

das "palavras de senha". Esse exemplo, explicita não só a autonomia do significante, mas o aspecto da linguagem como lei do homem. As palavras de senha

"(...) são símbolos nisso que símbolo quer dizer de pacto, (...) são primeiramente significantes do pacto que constituem como significado"⁷²

Referindo-se ainda ao poder estruturante do símbolo conclui ele :

"É o mundo das palavras que cria o mundo das coisas."⁷³

E também :

"O homem fala então, mas é porque o símbolo o fez homem."⁷⁴

O sujeito é , então, concebido como estando implicado na estrutura da linguagem, o que comporta dois aspectos: tanto é fato que a linguagem preexiste à entrada que o sujeito faz nela, quanto o sujeito, para falar, tem de "pedir emprestado à linguagem" seu "suporte material", a "letra".⁷⁵ Essa noção de materialidade do significante é exposta por Lacan da seguinte forma:

"(...) a linguagem não é imaterial. Ela é corpo sutil, mas é corpo. As palavras são tomadas em todas as imagens corporais que cativam o sujeito; elas podem engravidar a histérica, identificar-se ao *penis-neid*, representar o fluxo de urina da ambição uretral, ou o excremento retido do gozo avarento (...) podem elas próprias sofrer as lesões simbólicas, realizar os atos imaginários de que o paciente é sujeito."⁷⁶

Então, entender a letra como suporte material significa também compreender que o sujeito, ao usar a fala para relacionar-se com outro sujeito, está a realizar um empréstimo à reserva material que a língua possui . E mais ainda: que a possibilidade da intersubjetividade só ocorre, porque o sujeito já está desde sempre implicado e mesmo determinado pelo discurso. Lacan assim explica a questão:

⁷²Ib., p. 136.

⁷³Ib., p. 141.

⁷⁴Id., ib.

⁷⁵J. Lacan. "A Instância da Letra..." *Escritos*. Op. cit., p. 225

⁷⁶J. Lacan. "Função e Campo da Fala..." *Escritos*. Op. cit., p. 165.

"(...) o sujeito se parece servo da linguagem, ele o é mais ainda de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito desde seu nascimento, ainda que seja apenas sob a forma de seu próprio nome"⁷⁷

Ou seja, o sujeito é cativado tanto pela estrutura da linguagem, como pelo discurso concreto, a realização da linguagem. Através do discurso o sujeito introduz-se na ordem societária, torna-se sujeito inserido no contrato social, instalado aí como uma convenção significante. Para desenvolver tais premissas, Lacan lida com conceitos não só da Lingüística, mas também da Antropologia estrutural de Claude Lèvi-Strauss.⁷⁸ Com efeito, Lacan mostra que a linguagem tal como as "regras de aliança"⁷⁹ abrigam leis que são "imperativas em sua forma, mas inconscientes em sua estrutura"⁸⁰ Tal estrutura diz respeito à mitos originários da sociedade - como o parricídio primevo e a lei decorrente da interdição do incesto. Esses mitos devem ser considerados como metáforas constituintes, que produzem, através do seu sem-sentido de puro significante que são, o sentido que estrutura a ordem societária.⁸¹ As regras de aliança, que advém, primordialmente, da lei da interdição do incesto, são idênticas às leis da linguagem, se considerarmos sua condição de estrutura simbólica inconsciente, que ordena nossas relações em sociedade. Ou seja, nomeiam as linhagens de parentesco e estabelecem, assim, tanto uma ordem de possíveis escolhas à aliança, quanto de objetos proibidos, de tabus (nas sociedades modernas, a mãe e as irmãs). Lacan escreve sobre esse ponto:

⁷⁷J. Lacan. "A Instância da Letra..." *Escritos*. Op. cit., 226.

⁷⁸Em especial, as obras: *Estruturas Elementares de Parentesco*, Petrópolis, Vozes, 1982, 2a. ed., e *Antropologia Estrutural*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.

⁷⁹Lèvi- Strauss diz que as regras de aliança ordenam vários sentidos nas sociedades, entre eles os nomes de parentesco, para que se opere a troca de mulheres, o que produz a transposição do estado de natureza, entregue à espontaneidade instintual da cópula, ao estado de cultura.

⁸⁰J. Lacan. "Função e Campo da Fala..." *Escritos*. Op. cit., p. 141.

⁸¹Em "A Instância da Letra...", Lacan comenta que "a metáfora situa-se no ponto preciso em que o sentido se produz no não-sentido." p. 239.

"(...) as estruturas elementares da cultura (...) revelam uma ordenação das trocas, que ainda que inconsciente, é inconcebível fora das permutações que autoriza a linguagem."⁸²

Ele propõe que se substitua a concepção etnográfica dual, natureza e sociedade, pela tríade natureza, sociedade e cultura. O termo cultura seria equivalente à linguagem e consistiria naquilo que faz a diferença fundamental entre as sociedades humanas e as sociedades naturais.

Pode-se dizer, então, que os símbolos, em especial os lingüísticos, envolvem e determinam a vida do homem mesmo antes de seu nascimento, configurando desde seu nome, suas escolhas, seus atos, enfim seu destino.

2.4- A LÓGICA INTERSUBJETIVA

A constituição do sujeito e a instauração do inconsciente pela ordem significante

A constituição do sujeito é contemporânea de sua entrada na linguagem, na cultura, na ordem das trocas simbólicas, e se dá através do rompimento da relação dual que mantinha com a mãe. Também corresponde a entrada do pai em cena, o que é denominado pela Psicanálise momento do Édipo. Essa ocasião, durante a qual transcorre o fenômeno edípico, marca a transição do Imaginário ao Simbólico e também uma divisão da subjetividade, ou seja, há uma passagem do "eu " governado por uma ordem imaginária para um "sujeito" inserido em uma ordem simbólica e, por isso mesmo, dividido, no momento mesmo de sua constituição, em sujeito inconsciente e sujeito consciente.

A instauração do inconsciente - e evidentemente também do consciente - terá como condição necessária o acesso ao simbólico. Referindo-se à entrada na linguagem, A. De Waelhens⁸³ trata-a como um ato de substituição de um real por um símbolo, o qual se coloca

⁸²Ib., p. 226

⁸³A. De Waelhens. "Sur l'inconscient et la pensée philosophique". *L'inconscient*. VI Colloque de Bonneval, 1966.

como mediador entre o sujeito e sua vivência real, permitindo a referência deste sujeito como distinto do mundo a sua volta. Portanto, o nascimento da linguagem produz uma separação entre a vivência e o símbolo que a vem representar. A reflexão sobre a vivência produzida pela linguagem consciente e racional só tende a recalcar cada vez mais essa vivência imediata, terminando por efetuar uma profunda separação entre ambas. Nesse sentido, Lacan supõe o surgimento da linguagem como concomitante ao momento do recalque que dá origem ao inconsciente.

Simbolismo lingüístico e social

O simbolismo socio-cultural tem um caráter equivalente ao do simbolismo lingüístico, uma vez que é também uma estrutura composta por elementos oposicionais, possíveis de ser combinados. Ambos tornam viável o reconhecimento entre os sujeitos e, portanto, as relações intersubjetivas. Cada um deles provoca a transição de uma relação imediata a uma relação mediatizada por um termo terceiro, a saber: na linguagem, o conceito; no simbolismo social, as leis e regras.

Ainda a propósito da linguagem, Edmond Ortigues³⁴ chega a conclusões próximas às de De Waelhens e acrescenta que o aparecimento do simbolismo lingüístico provoca a diferença entre o si mesmo e o outro, ou seja, entre o exterior e o interior; no interior de si a distinção entre a interioridade psíquica e sua manifestação pelo discurso; e a diversidade entre o discurso em sua autonomia e a realidade que ele representa. O simbolismo social age de maneira homóloga. A nomeação do filho e seu posicionamento no seio familiar como lugar terceiro em relação aos pais permite a instauração de sua subjetividade como distinta, distanciando o filho daquele momento inicial, quando se confundia com a mãe. Além disso, opera a diferença entre a vivência subjetiva e sua manifestação através do discurso e do comportamento social. As regras de aliança e o interdito do incesto são apenas símbolos e

³⁴E. Ortigues. *Le Discours et le Symbole*, Paris, Aubier,

leis que, ao se imporem, organizam a vida dos homens em sociedade. São representações mediatizadas do desejo e da reprodução natural, que comportam seu recalçamento e conseqüentemente vários tipos possíveis de distorções inerentes ao processo de engendramento do simbólico. Sendo assim, pode-se considerar o simbólico como tendo dupla face: uma, que dá ao indivíduo sua dimensão verdadeiramente humana, ao socializá-lo e organizar sua existência; e, outra, que impõe certo recalçamento. Para Freud, o mal-estar que habita a civilização reside em pontos nodais recalçados, em complexos inconscientes que estão sempre fazendo seu retorno. Ele os denomina complexo de Édipo e de castração. Lacan amplia essa posição ao utilizar postulados da Lingüística e da Antropologia, podendo, então, indicar noções mais ligadas ao funcionamento psíquico moral em sua universalidade. Segundo Lacan, a verdadeira universalidade do complexo de castração reside no estado originário e permanente de insuficiência que é inerente ao ser humano. É a esse estado de falta, que toda forma de relação sexual responde inconscientemente, ou seja, diante da condição humana de incompletude, de falta, as sociedades elegem um sentido simbólico para a não-falta que se expressa através da idéia do falo. O termo falo refere-se, sempre, à uma função simbólica e não deve ser confundido com o pênis. Lacan utiliza, portanto, falo para fazer referência aos dois sexos, de modo que a castração não pode ser concebida via pênis, mas através do pai simbólico, que faz a mediação na relação da criança com a mãe e da mãe com a criança.

O complexo de Édipo e a metáfora do Nome-do-Pai

Lacan sistematiza a temática referente ao objeto fálico, que considera como ponto central na teoria freudiana. Para ele "o falo será instituído como significante primordial do desejo na triangulação edipiana. O processo do complexo de Édipo dar-se-á, então em torno da localização respectiva do lugar do falo, no desejo da mãe, da criança e do pai no curso da dialética que se desenvolverá sob a forma do "ser" e do "ter" o falo."

Essas referências ao Édipo, à castração, ao falo, ao pai, não podem ser compreendidas como simples reduções às situações e objetos da realidade. Se o fizéssemos estaríamos incorrendo no erro de ver Freud tomar os mitos ao pé- da- letra e não como metáforas, como narrações simbólicas sobre a entrada do homem no universo societário, o momento da origem do universo cultural e das leis que o presidem. Referindo-se ao uso do mito na teorização psicanalítica, Lacan argumenta que a Psicanálise, comparável às artes liberais medievais, "preserva a relação de medida do homem consigo mesmo...", e que "a experiência analítica, ao ser constituída por uma relação intersubjetiva inesgotável e cíclica, não pode ser objetivável." Também afirma que "a experiência analítica implica em seu seio a emergência de uma verdade, que só pode ser dita, porque o que a constitui, é a palavra". Porém, "a palavra, não podendo captar-se a si mesma, nem captar o movimento de acesso à verdade como verdade objetiva, só pode expressa- la de modo mítico."⁸⁵

O complexo de Édipo, expressão mítica do despertar humano para as relações intersubjetivas, compreende tanto vivências imaginárias, quanto dá possibilidade à abertura ao simbólico. Lacan estabelece uma contemporaneidade entre o momento que denomina fase do espelho - caracterizado por identificações imaginárias - e o momento inicial do complexo de Édipo. A fase do espelho caracteriza-se por ser uma experiência fundamental do desenvolvimento imaginário do ser humano, onde a criança reconhece sua própria imagem no espelho.

Com efeito, pergunta-se Lacan :

"Que é o eu, senão algo que o sujeito experimenta primeiro como algo que é alheio a ele mesmo em seu próprio interior?"⁸⁶

Neste momento de imaturação motora e afetiva, a criança, que ainda não consegue experimentar seu corpo como todo, tem através de sua imagem, "uma relação antecipada com

⁸⁵ J. Lacan. "El mito individual do neurótico". *Intervenciones e textos*. p.38,39.

⁸⁶J. Lacan. *El mito individual do neurótico*. Op. cit., p. 57.

sua própria realização". Trata-se de um reconhecimento imaginário que leva o sujeito a uma experiência de separação para consigo mesmo, de desconhecimento em relação a si próprio.

Embora já se reconhecendo imaginariamente, a criança ainda mantém uma relação quase de indistinção para com a mãe, na medida em que se identifica com aquilo que presume "ser" o objeto de desejo da mãe.

"Se o desejo da mãe é o falo, a criança quer "ser o falo" para satisfazê-la."⁸⁷

A mediação paterna atua interditando a relação fusional criança-mãe. Por um lado, frustra a criança, que se vê obrigada a abrir mão de ser o objeto de desejo da mãe, por outro, priva a mãe do falo, que ela supõe ter, encarnado na criança que está identificada com o objeto de seu desejo. O objeto fálico é, então, deslocado para o pai, propiciando o encontro da criança com a "lei do pai". Ela percebe que o

"(...)desejo da mãe está submetido à lei do desejo do outro, e isto implica que seu próprio desejo esteja na dependência de um objeto que outro (o pai) é suposto ter ou não ter".⁸⁸

A criança deixa, desta forma, de estar envolvida com a questão de ser ou não o falo e procura alcançá-lo lá, onde ele se encontra, ao entrar no jogo das identificações e submeter-se à lei do simbólico.

O processo de simbolização, por sua vez, implica num afastamento da vivência imediata, numa perda da coisa (*res*) mesma, para que um substituto a represente. No complexo edípico a criança terá que substituir sua vivência imediata de ser o objeto passivo do desejo do outro, para passar a uma posição ativa de sujeito que almeja ter esse objeto. A criança, então, irá nomear substitutos do objeto perdido, uma vez que o acesso ao simbólico, a aquisição da linguagem já se fez. Haverá, pois, substituição do significante fálico pelo significante Nome-do-Pai. Todavia, o que funda este processo de renúncia ao real e de substituição simbólica é o recalque originário. De fato, a produção da metáfora paterna dá-se a partir da introdução do significante novo Nome-do-Pai, que substitui o

⁸⁷J. Lacan. "A significação do falo"(1958). *Escritos*. Op. cit., p. 270,271.

⁸⁸Jöel Dor. *Introdução à leitura de Lacan*. Op. cit., p. 86.

significante primeiro Desejo-da-Mãe. Este último torna-se inconsciente e, na maioria das vezes, inacessível ao sujeito, já que ,

"(...)é no estado de recalcado (*Verdrängt*) que ele persiste, e é daí que ele insiste em se representar no significado por meio de seu automatismo de repetição (*Wiederholungszwang*)."⁸⁹

A metáfora do Nome-do-Pai diz respeito, então, à castração simbólica de um objeto (o falo materno) imaginário.

2.5- A DIVISÃO DO SUJEITO

Segundo Lacan, através da metáfora do Nome-do-Pai instaura-se um duplo processo psíquico, ou seja, ela permite a subjetivação humana via acesso ao simbólico e marca o estabelecimento de uma estrutura de divisão psíquica (*Spaltung*).⁹⁰

O advento do inconsciente ocorre a partir do recalque originário, que tem como objeto os significantes do Desejo-da-Mãe. Tais significantes fálicos ou primordiais, ao participarem do processo de substituição metafórica, tornar-se-ão o núcleo inconsciente originário. Esse núcleo recalcado originário constituir-se-á na base para posteriores recalques de outros conteúdos significantes eventuais, formando, assim, uma cadeia significativa inconsciente. Porém, os significantes recalcados estão aptos a retornar ao sujeito, através de outras substituições metafóricas e metonímicas (nos lapsos, sonhos ...) Lacan funda essas elaborações na teoria freudiana sobre o recalque. Freud apresenta o

⁸⁹J. Lacan. "De una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de la psicosis"(1955-56). *Escritos*. Op. cit., p. 539

⁹⁰*Spalte* é fenda em alemão. A noção de *Spaltung* toma sentidos diversos na obra de Freud, indicando tanto que o aparelho psíquico está dividido em instâncias, quanto que uma instância psíquica é ela mesma dividida. Em Lacan, a *Spaltung* é o que propicia a instauração do aparelho psíquico como plurissistêmico e, portanto, o que inaugura a subjetividade, no momento mesmo em que promove a divisão do sujeito.

processo de recalçamento decomposto em três etapas: recalque originário, recalque propriamente dito e retorno do recalçado.⁹¹

Desta divisão do sujeito pela ordem significante decorre outra consequência: a de que o sujeito, ao tornar-se ser de linguagem, perde-se nesta mesma linguagem que o causou. A compreensão deste ponto carece de algumas considerações: em primeiro lugar, é propriedade da linguagem evocar um real ausente a partir de um representante simbólico que o apresenta, conforme o diz Lacan:

"Pela palavra que é já uma presença feita de ausência, a ausência mesma vem a nomear-se(...)"⁹²

Nestas condições, o sujeito só poderá aparecer em um discurso representado por um símbolo; o sujeito mesmo não estará presente aí. Portanto, o sujeito não será mais que um efeito de linguagem. Ao propiciar sua existência, a linguagem também tampona a possibilidade de seu ser genuíno. Nas palavras de Lacan:

"O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito ele não é causa de si próprio, ele traz em si o verme da causa que o escinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e ele não poderia representar nada, senão para outro significante: a que desde então se reduz o sujeito que escuta"⁹³

No momento do recalque originário, via metáfora paterna, ocorre que o sujeito não saiba mais nada sobre o conteúdo real do que diz, através daquilo que é enunciado pela linguagem. Isto porque o significante primeiro S_1 (Desejo-da-Mãe) está recalçado e é substituído, na linguagem, por S_2 (Nome-do-Pai). O algoritmo dessa operação pode ser assim representado:

⁹¹ Cf. S. Freud. *O Recalçamento*. Vol. XIV das Obras Completas de Freud. Op. cit., p.171, 178. Obs. Modifiquei a tradução do título desse texto apresentado pela Imago, e sabidamente considerado incorreto.

⁹²J. Lacan. "Função e Campo da Fala.." *Escritos*. Op. cit., p. 140.

⁹³J. Lacan. "A Posição do Inconsciente no Congresso de Bonneval"(1964). *Escritos*. Op. cit. p. 319,320.

$$\frac{S_2}{S_1}$$

Na fórmula da metáfora ou substituição significante indicada por Lacan, tem-se :

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo-da-Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo-da-Mãe}}{\text{Significado do sujeito}} = \text{Nome-do-Pai} \left(\frac{A}{\text{Falo}} \right)$$

A é o Outro, lugar onde os significantes se tornam acessíveis ao sujeito, o que indica que o *Desejo-da-Mãe* (S_1) foi recalcado, através do mecanismo de substituição por (S_2) *Nome-do-Pai* , que passa a estar associado ao significado (S_1) *Desejo-da-Mãe*, *Falo*.

A divisão do sujeito tem, portanto, algumas implicações, a saber :

- . que "um significante é o que representa o sujeito para um outro significante"⁹⁴ Na metáfora paterna, S_2 é o significante que representa o sujeito para S_1 .
- . que o processo de recalçamento originário, através da metáfora paterna, demonstra que S_1 (significante do desejo do sujeito) só figura na cadeia da linguagem substituído pelo S_2 .
- . que, para o sujeito, a verdade de seu desejo fica "eclipsada" pela linguagem.
- . que esse sujeito de desejo é, portanto, o sujeito do inconsciente.

A distinção proposta pela Lingüística entre o enunciado do discurso e o ato de enunciação é utilizada por Lacan, para ilustrar a relação que o sujeito da fala mantém com seu desejo inconsciente, (entendendo-se, aqui, enunciação, como um ato individual da língua, e enunciado, como resultado de um ato de enunciação de um sujeito falante). Lacan discutindo esse ponto diz:

"(...) o que o inconsciente traz a nosso exame, é a lei pela qual a enunciação não se reduzirá nunca ao enunciado de discurso algum"⁹⁵

Quando o sujeito se atualiza em seus enunciados pelo pronome *eu*, esse ato tanto propicia ao sujeito que se introduza ,como tal, no circuito das trocas sociais, como implica numa relação de perdas para com a verdade do ser de si-mesmo. Isso porque o *eu*, não passando de um

⁹⁴J. Lacan. "A Posição do Inconsciente..." *Escritos*. Op.cit., p. 325.

⁹⁵J. Lacan. "A Metáfora do Sujeito"(1961). *Escritos*. Op.cit., p. 341.

representante do sujeito no discurso, de uma relação mediata, vai gerar uma quebra da "continuidade inaugural de si a si, de si ao outro e ao mundo."⁹⁶

Miller usa o termo sutura para nomear a relação do sujeito com a cadeia de seu discurso, dizendo que: "faltando nela, ele não está pura e simplesmente ausente dela".⁹⁷ O sujeito procede da linguagem, do ato da articulação significante, do ato da enunciação. Se, nesse momento, ele perde a verdade de seu ser, por estar aí somente representado, essa verdade não se torna pura e simplesmente perdida, ela também provém de um mecanismo equivalente ao do advento do sujeito, isto é da articulação da linguagem em sua enunciação. Portanto, é no nível do sujeito da enunciação que deve ser situado o sujeito do inconsciente, na verdade de seu desejo. Nas palavras de Lacan:

"a presença do inconsciente, por se situar no lugar do Outro, deve ser procurada em todo discurso em sua enunciação".⁹⁸

Joël Dor comenta esta passagem da teoria lacaniana da seguinte forma:

"O inconsciente emerge, pois, no dizer, ao passo que no dito a verdade do sujeito se perde, por somente aparecer sob a máscara do sujeito do enunciado, onde ela não tem outra saída, para se fazer ouvir, senão se meio dizer"⁹⁹

A entrada do sujeito na ordem simbólica lhe dá possibilidades de desvincular-se da dimensão imaginária, mas para em seguida precipita-lo novamente numa objetivação imaginária. Isso porque ocorre um distanciamento progressivo entre os dois registros da subjetividade, entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação. O sujeito do enunciado tende a ocultar sempre mais o sujeito do desejo e, desta forma, as identificações as quais o sujeito terá acesso situar-se-ão nos lugares substitutos que o representam em seu discurso. Tais identificações só poderão propiciar ao sujeito representações imaginárias de si mesmo,

⁹⁶A. Lemaire. *Jacques Lacan, uma introdução*. Op. cit., p. 112.

⁹⁷J.-A. Miller. "La Sutura". *Matemas II*. Buenos Aires, Manantial, 1988, p.55.

⁹⁸J. Lacan. "Posição do Inconsciente..." *Escritos*. Op. cit., p. 318.

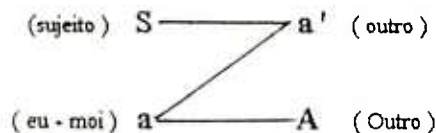
⁹⁹Joël Dor. *Introdução à leitura de Lacan*. Op.cit., p. 118.

uma vez que não tem acesso ao que ele é na perspectiva do seu desejo, visto que a ordem significante o tornará um desconhecido em relação a si mesmo e ao seu ser de desejo.

A divisão do sujeito situa-se entre a "máscara" que o encobre - a linguagem - e o que está por debaixo da máscara - a "outra cena", onde se encontram as possíveis verdades inconscientes do sujeito. Lacan usa os termos "fenda" e "refenda" para situar respectivamente o momento da divisão do sujeito e a cristalização dessa divisão. Na refenda o sujeito se encontrará irremediavelmente preso ao significante.

Se no momento que antecede a este da subjetivação, ou seja, o momento imaginário caracterizado pela fase do espelho, o sujeito se alienava na indistinção, agora ele se aliena no significante. E uma vez perdido o significante primeiro (o falo), o sujeito, ao se fazer representar, não se dá conta de que se identifica com as várias máscaras que a cultura lhe impõe.

Este processo dialético, a partir do qual ocorre a intersubjetividade é descrito por Lacan através do esquema L :



Segundo Lacan, o sujeito (S) se dirige ao Outro (A, maiúsculo), àquele que o determina e engendra, porém nunca consegue alcançá-lo. O que ele atinge é uma relação imaginária com outros (a, minúsculo) através de seu eu (moi) alienado. O sujeito surge no campo do Outro , e assume o estatuto de significante.

"O Outro é o lugar em que se situa a cadeia significante que comanda tudo que vai apresentar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer".¹⁰⁰

Ao relacionar consigo mesmo ou ao comunicar-se com outro, o sujeito

"(...) fala na linguagem comum que toma os eu (moi) imaginários, por coisas não simplesmente "ex sistentes", mas reais. Não

¹⁰⁰J. Lacan. *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964). Seminário, livro 11, Rio de Janeiro , Zahar, 1988, 3 ed., p. 194,195.

podendo saber o que está no campo onde o diálogo concreto se passa, ele trata com certo número de personagens a, a'. Na medida em que os coloca em relação com sua própria imagem, estes a quem o sujeito fala são também estes aos quais ele se identifica"¹⁰¹

Na realidade, o sujeito dirige-se ao Outro verdadeiro, mas, por estar eclipsado pela linguagem, o sujeito verdadeiro jamais se reconhece como tal (como sujeito na verdade de seu desejo), nem jamais atinge esse Outro, que está situado do outro lado do muro da linguagem. Lacan diz que :

"(...) a linguagem serve tanto para nos fundar no Outro, como para impedir radicalmente de entendê-lo."¹⁰²

A dialética da intersubjetividade refere-se à um Outro que, ao mesmo tempo que engendra o sujeito, coloca-se num lugar, a princípio, impossível de ser alcançado. A consequência desse pressuposto é a ocorrência, em geral, na linguagem inter humana, de uma troca imaginária de eu (*moi*) a eu (*moi*).

A dialética do desejo

Para fundamentar seus postulados a respeito da temática da subjetividade e da dialética da intersubjetividade, Lacan se utiliza do pensamento de Hegel desenvolvido na *Fenomenologia do Espírito*, em especial, na leitura que Kojève faz desse texto.¹⁰³

A referência à dialética da intersubjetividade é também referência à dialética do desejo. Para Lacan, o desejo é concebido como desnaturalizado e fundado na ordem simbólica. Ele só existe em relação a um outro desejo e não indica um objeto empírico, mas uma falta. Tal concepção de desejo traz a marca da influência de Hegel. Essa retomada,

¹⁰¹J. Lacan. *O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*(1954-55). Seminário, livro2, Op. cit. , p. 308.

¹⁰²Id., ib.

¹⁰³Examinar-se-á, a seguir a leitura feita por A. Kojève da *Fenomenologia do Espírito*, contida em *Introduction à la Lecture de Hegel* (Paris, Gallimard, 1947), uma vez que Lacan foi frequentador dos cursos de Kojève na Escola de Altos Estudos de Paris.

porém, é feita a partir do ângulo proposto pela psicanálise freudiana, que inclui o desejo inconsciente, e acentua a ordem simbólica da linguagem.

Na fenomenologia desenvolvida por Hegel, ocorre inicialmente um movimento dialético, uma experiência que a consciência empreende em si mesma, ou seja, um movimento onde se processa a relação do sujeito consigo mesmo em seu desdobramento. É o caminho percorrido pela Consciência até chegar à Autoconsciência. Esse percurso é constituído por três registros. O primeiro registro é a "Consciência-em-si" (*Bewusstsein*). É entendido como o movimento inicial de exteriorização, quando a consciência, ao se colocar à distância de si própria como objeto, toma consciência do mundo exterior. Trata-se, na verdade, de um momento de contemplação e passividade, uma vez que a consciência ignora que esta exterioridade seja ela própria, efetuada por si mesma. Com efeito, ela toma esta exteriorização como um objeto dado, independente, e não coincidente consigo mesma. Portanto, a atitude contemplativa é alienadora, pois o que "revela é o objeto e não o sujeito"¹⁰⁴.

O segundo registro é a Consciência-de-si como para-si (*Selbstbewusstsein*). Nesse ponto, a consciência, além de se opor ao mundo, também é consciência dessa oposição. Dessa forma, passa a ser tanto consciência-de-si, quanto consciência do outro. O outro é percebido como um para-si, ou seja, como um objeto de desejo. E o desejo será direcionado não à um outro qualquer, mas à um outro sujeito consciente de si, diante do qual possa haver reconhecimento.

O último registro é aquele da Razão como em-si e para-si (*Vernunft*). A princípio, a razão observa, a partir de uma nova perspectiva, o conteúdo da Consciência durante seu caminho, para descobrir-se em seus múltiplos aspectos. Também observa e experimenta a natureza, as leis do pensamento e as correlações entre o espírito e o mundo. Em seguida, a Consciência torna-se razão universal e opera no mundo.

¹⁰⁴A. Kojève. *Introduction à la Lecture de Hegel*. Op. cit., p. 11

É na transição da Consciência-em-si para a Consciência-de-si (Autoconsciência) que se dá o surgimento do sujeito e a possibilidade da intersubjetividade, e isso a partir do desejo. É que o homem como Consciência-em-si visa o conhecimento, porém só o alcança passivamente através da contemplação. É apenas consciência de que se opõe ao objeto exterior de conhecimento. Ele não se torna sujeito a partir desse tipo de postura cognitiva, uma vez que a contemplação do objeto o absorve, não o deixando transparecer como sujeito. A revelação do sujeito se faz através da ação surgida do desejo, que visa a supressão, assimilação e modificação do objeto. Esse movimento dá origem à realidade subjetiva. Contudo, para que a ação do desejo seja humanizada, é necessário que a consciência se dirija não à um objeto qualquer da realidade natural, mas a um outro objeto que também deseje, ou seja, à um outro desejo. Assim o desejo humano se constitui sempre como desejo do desejo do outro.

A ação do desejo humano se mantém dentro do mesmo objetivo de suprimir, assimilar e modificar o desejo do outro. Isso, no sentido de que é necessário haver reconhecimento por parte do outro a respeito da existência e valor de meu desejo, o que implica que o desejo do outro seja negado por mim. Ora, se o outro também é desejo humano, seu movimento se fará na mesma direção.

Hegel desenvolve essa questão do reconhecimento recíproco na "Dialética do Senhor e do Escravo"¹⁰⁵. Trata-se do confronto entre dois desejos, que procuram o reconhecimento através da supressão do outro. É empreendida uma luta de morte em prol do reconhecimento. Porém apesar do caráter inicial da luta, essa transforma-se numa luta de prestígio: há que se manter a vida de ambos, para que o reconhecimento do vencedor se dê. Ocorre, então, a submissão de um dos adversários, que reconhece o vencedor como senhor e, a si próprio, como escravo. Donde se conclui que o sujeito humano toma consciência de si, somente quando se coloca em oposição à outra consciência desejante, diante da qual impõe ser reconhecido. Portanto, o desejo é sempre desejo de ser desejado.

¹⁰⁵Texto contido na *Fenomenologia do Espírito*, Op. cit.

Lacan explicita a influência da concepção hegeliana do desejo sobre a Psicanálise e aprofunda esses laços. Mantém, no entanto, o caráter diferencial que o desejo tem para a Psicanálise: sua índole inconsciente.

A noção de desejo na Psicanálise

Tal como concebida pela Psicanálise, a noção de desejo não se confunde com a noção de necessidade. Esta última refere-se a um estado de tensão biológica que pode ser satisfeito através de um objeto adequado. O desejo, no entanto, refere-se sempre a uma ordem eminentemente psíquica e não há objeto algum que possa satisfazê-lo, uma vez que sua realização é alcançada sempre através de objetos substitutos: representantes do objeto perdido, de uma falta.

Freud estabelece os fundamentos do desejo e seu processo de constituição ao expor a transformação dos estados psíquicos diante das primeiras experiências de satisfação. Segundo ele, as primeiras necessidades alimentares provocam estados de tensão. Ao ser alimentada, a criança vive as primeiras experiências de satisfação, isto é, a nível puramente orgânico, uma vez que a necessidade foi satisfeita independente de qualquer busca por parte da criança, sem que houvesse nenhuma mediação psíquica. Porém, esta experiência deixa marcada uma

"imagem mnemônica, que permanece associada, daí por diante ao traço de memória da excitação produzida pela necessidade."¹⁰⁶

Ao surgir novamente, a necessidade alimentar faz evocar a imagem mnemônica, que restabelece a percepção mesma da situação de satisfação já vivida. A esse tipo de impulso Freud denomina desejo, isto é, uma representação antecipada da satisfação, elaborada a

¹⁰⁶S. Freud. *A Interpretação dos Sonhos*. Vol. V das Obras Completas de Freud, p. 602,603.

partir da imagem mnésica de um objeto que significou satisfação passada, ou seja, de um objeto que não está mais presente.

Na condição de representante de uma falta, o objeto do desejo, na concepção psicanalítica freudiana, relaciona-se não a algo concreto que o sujeito possa buscar, porém a alguma coisa pertencente à ordem simbólica. Freud diz que o objeto do desejo é um objeto perdido, que, no entanto, se mantém como falta e não cessa de querer realizar-se através de objetos substitutos sucessivos.

Para ilustrar essa característica errante e nunca satisfeita do desejo, Lacan relaciona a estrutura do desejo inconsciente à estrutura simbólica da linguagem. Assim o desejo comparado à (figura de retórica) metonímia, "desliza por contigüidade numa série interminável, na qual cada objeto funciona como significante para um significado que, ao ser atingido, transforma-se em novo significado e assim sucessivamente."¹⁰⁷ A substituição constante de um significante por outro, a partir da contigüidade, permite que o significado original do desejo se mantenha oculto. Todavia a afirmação segundo a qual o desejo é sempre inconsciente, não se refere ao fato de que ele permaneça oculto ao sujeito. Trata-se, isto sim, da ocorrência de uma divisão da subjetividade, o surgimento de dois sujeitos (o da enunciação e o do enunciado), um excêntrico ao outro. Após o recalçamento, o desejo torna-se inconsciente e passa a pertencer ao sujeito da enunciação. O sujeito do enunciado, que produz seu discurso na relação com outros sujeitos, desconhece aquele outro sujeito da enunciação, constituído por elementos significantes inconscientes e situado no lugar do Outro.

Para abordar esse tema de maneira mais adequada, convém tomar, como referência, as elaborações de Antoine Vergote¹⁰⁸, que esclarecem as abordagens lacanianas relacionadas à manifestação do desejo inconsciente através da linguagem. Com efeito, Vergote diz que a

¹⁰⁷L.A.Garcia-Rosa. *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro, Zahar, 1984, p. 147.

¹⁰⁸Antoine Vergote. "De L'Autre Scene de Freud à L'Autre de Lacan". *Qu'est-ce que l'homme. Homenage à Alphonse De Waelhens*. Publicações das Facultés Universitaires Saint-Louis, Bruxelles, 1982. Trad. Hugo Cesar da Silva Tavares.

idéia de significante inconsciente, que produza um efeito de sentido na existência ou no sonho, "parece uma fórmula feliz", quando tomada por uma linguagem aproximativa ou descritiva. Assim diz ele :

"(...) termos e palavras pronunciados durante a sessão analítica podem ser chamados significantes (a marca inscrita no inconsciente), que se ligam a diversas cadeias associativas de representações inconscientes e, através delas, encontram-se sobredeterminadas em suas significações. Os "significantes" da linguagem em análise são tomados no sentido de termo (...) Eles não são o signo, mas o nó da significação. Trata-se de deixar produzir-se as concatenações nas quais os significantes (os termos) se encontram inconscientemente tomados e que o sujeito leva consigo, quando em análise, se submete à regra fundamental da livre associação".¹⁰⁹

Lacan interpreta os pensamentos inconscientes como elementos de linguagem, denominando-os significantes, os quais são separados do sentido por uma barra resistente à significação. Durante o processo analítico, a livre associação é reafirmada como a via possível de manifestação do inconsciente. Isso, tanto porque as representações inconscientes tem o poder de antecipação e de articulação de sentido, quanto porque os termos pronunciados são efetivamente os nós da significação. Daí a fórmula ambígua: os significantes produzem efeito de sentido. Segundo Vergote, a fórmula lingüística S/s, modificada e empregada de forma generalizada por Lacan, significa a extensão da retórica, através das figuras metáfora e metonímia, à toda linguagem e todos os processos inconscientes. As figuras de retórica representam o duplo movimento de articulação dos significantes entre si. A metonímia diz respeito ao movimento de ligação, conectando um significante ao outro como elos numa cadeia. Isso permite que, em determinadas circunstâncias, a cadeia esteja em condições de suprimir um significante, legando-o um lugar periférico. Com relação à metáfora, ela assinala o mecanismo de substituição, a partir do qual a supressão do significante se produz,

¹⁰⁹Ib. p.7.

ou seja, mecanismo que torna possível a exteriorização do inconsciente sob a forma de um significante metafórico. Assim, a supressão do significante deixa uma falta inscrita na cadeia e produz a mobilidade do conjunto estrutural. O exemplo "trinta velas no horizonte" ilustra, conforme Vergote, a metonímia, ao indicar a supressão do significante barcos. E revela

"(...) o buraco na linguagem, que quereria cobrir o ser do objeto. Pois, nenhuma concatenação de significantes alcança verdadeiramente o ser do objeto. (...) A estrutura universalmente metonímica da língua-discurso, ao desconstruir a referência ao objeto, condenando-o ao real, ao impossível, é aquilo que manifesta a manutenção da barra no algoritmo, (...) a resistência à significação."¹¹⁰

O inconsciente é um saber que trabalha como uma cadeia metonímica e visa produzir tanto um fruto - o significante metafórico - quanto um efeito: o sujeito do inconsciente. Através da metáfora os significantes inconscientes atravessam de alguma forma a barra. Isso ocorre pelo mecanismo de substituição de um termo por outro, o que torna possível a produção de sentido pelo significante inconsciente. Ao contrário, através da metonímia, a cisão entre consciente e inconsciente se mantém. Esse é um processo constantemente ativo do inconsciente.

Finalmente, ao importar, de maneira modificada, o modelo lingüístico, relativo às figuras de retórica, a psicanálise lacaniana pretende esclarecer algo indicado por Freud e mal interpretado por muitos psicanalistas, ou seja, que todo sintoma é simbólico. Em sua prática clínica, Freud, muitas vezes, atem-se à literalidade manifesta da fala do analisando, deixando que ela designe a significação latente produtora do sintoma. Consoante isso, Lacan considera todo sentido consciente como efeito de um significante inconsciente, ao chegar a afirmar que :

¹¹⁰Ib., p.9.

"(...) o sintoma se resolve inteiramente numa análise de linguagem, porque ele próprio é estruturado como uma linguagem, que ele é linguagem cuja fala deve ser libertada."¹¹¹

2.6- DO SIMBÓLICO AO REAL

Na década de 50, quando prevalecem as elaborações relativas ao tema do simbólico, o sintoma é concebido como uma formação simbólica, significante, como um tipo de mensagem codificada endereçada ao Grande Outro, que lhe concede significação de forma retroativa. Na ausência da palavra recalcada, no bloqueio da comunicação simbólica, o sintoma aparece como possibilidade de comunicação que irrompe de maneira diversa, articulada codificadamente. Tal compreensão do sintoma já indica sua disponibilidade à interpretação, e mesmo sua intenção, uma vez que este se dirige ao Grande Outro, suposto saber de seu sentido. A Psicanálise torna possível ao analisando associar livremente e chegar, desta forma, a restabelecer as palavras que dão significação a seu sintoma. Posto em palavras, o sintoma se desfaz. Um ponto importante, a destacar nas elaborações dessa época, é que o sintoma pressupõe sempre o grande Outro, aquele que conserva seu sentido. Contudo, a experiência clínica, desde Freud, faz referência à persistência do sintoma, mesmo após sua interpretação. A princípio, o sintoma é enfatizado somente em sua dimensão simbólica: um nó de significações capaz de ser desfeito pela interpretação. Logo se percebe que os efeitos produzidos pela interpretação são limitados. O sintoma não é somente regido pela rede simbólica, pois algo dele resta após o desvendamento do encadeamento

¹¹¹J. Lacan. "Função e Campo da Fala ...". *Escritos*. Op. cit., p.133.

significante. A este resto Lacan dá o nome de gozo, e passa a entender o sintoma não somente como uma mensagem codificada, mas também como uma forma do sujeito organizar seu gozo. Por essa razão, mesmo depois de ter seu sintoma decodificado pela interpretação, o sujeito não renuncia a ele.

Em conclusão, o conceito psicanalítico de sintoma apresenta duas facetas: a significante, metafórica, de sobredeterminação simbólica; e a real, da inércia da Coisa, encarnação do gozo mudo.

Para tratar dessa questão do gozo no sintoma, Lacan debruça-se sobre o estudo de uma outra dimensão psíquica, o real, do qual falará, com privilégio, até o final de seu trabalho. E é exatamente esse tema que será tratado no capítulo seguinte.

3 | *O Encontro com o Real*

Lacan toma como referência para suas pesquisas a experiência clínica. Porém, seu percurso vai dos estudos iniciais centrados sobre a clínica das psicoses e caminha em direção à construção de uma epistemologia da psicanálise. Nesse sentido, ele opera uma redefinição da noção de realidade verdadeira (coisa-em-si). Para elaborar tal noção, Lacan retoma Freud e inspira-se, ainda, em Heidegger, apesar de apresentar uma formulação sobre o tema não encontrada em nenhum dos dois autores. Com efeito, promove uma reformulação, um deslocamento no tratamento que é dado à noção de realidade. No discurso da Psicanálise, não há mais necessidade de marcar a oposição entre ficção e realidade. O real , diz Lacan, é um resíduo que escapa de uma operação realizada pelo simbólico. O real é o impossível do discurso, uma vez que ele sempre escapa à organização significativa do desejo, porque há uma inadequação entre eles.

Antes de discorrer sobre a noção de real na Psicanálise, convém examinar a abordagem filosófica heideggeriana relacionada ao tema.

3.1 - INDICAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE COISA EM HEIDEGGER

Para tratar da questão do conhecimento de objetos da realidade, Heidegger trabalha a noção de coisa num ensaio que publica em 1954 intitulado "*Das Ding*".¹¹² A coisa é a princípio diferenciada do objeto. Este é considerado como tudo aquilo que se coloca diante de nós e é apreendido pela consciência. Em sua correspondência com a consciência o objeto se distingue do ato pelo qual ele é pensado ou representado. O objeto também se coloca de maneira diferente em cada um dos atos da consciência: no pensamento o objeto se

¹¹²Recorremos à tradução francesa do referido ensaio: M. Heidegger. *Essais et conférences*. Paris, Gallimard, 1958.

coloca como conceito, na percepção como uma imagem, que se refere a algo existente, na imaginação ou na lembrança também como uma imagem.

A coisa pode se colocar diante de nós e se converter em um objeto, porém o que a faz coisa não diz respeito a sua situação de poder ser um objeto representado. A principal característica da coisa é sua posição autônoma, no entanto ela só pode ser pensada a partir da objetividade. Ela está inteiramente na presença sensível. Porém a coisidade da coisa escapa tanto à objetividade do objeto quanto à sua posição autônoma.

Para exemplificar a coisa Heidegger toma um pote¹¹³. Ele diz que o fato de um pote ser uma coisa não consiste na matéria pela qual ele é fabricado, mas, isto sim, no vazio que ele contém. O fabricante do pote dá forma a um vazio. O vazio é contido pelo pote quando este recebe, retém e derrama algo. Não é o vazio em si, mas aquilo que no pote reúne o reter e o derramar.

Nesse tema, Heidegger foi inspiração de Lacan, no entanto, a noção de coisa em Heidegger, diferencia-se das formulações lacanianas. No primeiro, a coisa conserva uma analogia com o mundo; no segundo ela aparece como o absoluto, como algo mítico.

3.2 - A PSICANÁLISE E A NOÇÃO DE COISA

A coisa (*das Ding*) na Psicanálise é entendida não como algo que já se teve e um dia se perdeu, mas como um objeto perdido, nunca possuído, porém procurado. Essa noção é abordada inicialmente por Freud em seu *Projeto Para Uma Psicologia Científica* (1985), tópico no qual trata da "experiência de satisfação"¹¹⁴. Mais tarde, em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), ele retoma a descrição da "experiência de satisfação", que não mais é vista como sendo regulada pelo aparelho neuronal - como havia sido apresentado no texto anterior - porém pelo aparelho psíquico, já levando em conta sua dimensão simbólica (

¹¹³Ib., p. 198-201.

¹¹⁴A experiência de satisfação foi descrita no Cap.2 deste trabalho, p.51

significante). É que o aparelho psíquico, reportando-se à "experiência de satisfação", produz um impulso que procura reevocar essa experiência e restabelecer a situação de satisfação original, ou seja, o reencontro com a Coisa. Freud indica que esse impulso - que denomina desejo - seja dirigido inicialmente por parte da criança em direção à mãe, a qual ocupa, então, a posição de Coisa (*das Ding*). O que introduz a criança no mundo simbólico e a torna verdadeiramente humana é a interdição feita pela cultura à mãe-Coisa. A mãe-Coisa nunca é alcançada, somente se tem acesso à representação da Coisa.

Cabe aqui buscar alguns esclarecimentos a respeito do uso que Freud faz do termo representação, considerando sua originalidade. A busca incessante da Coisa perdida dá-se através dos traços de memória, ao passo que representação seria aquilo que, referindo-se ao objeto ligado à experiência de satisfação, se inscreve nos sistemas mnésicos. O princípio do prazer rege essa busca ao encaminhar os investimentos energéticos de representante a representante, porém nunca atingindo a Coisa perdida.

A partir de uma perspectiva metapsicológica, Freud estabelece uma diferença entre a representação de coisa (*Sachevorstellung*) e a representação de palavra (*Wortvorstellung*). Segundo ele,

"(...) a representação consciente abrange a representação de coisa mais a representação de palavra correspondente, ao passo que a representação inconsciente é apenas a representação de coisa"¹¹⁵

As representações de coisa estão dispostas no inconsciente a partir de uma articulação significante. Lacan diz, no seu seminário *A Ética da Psicanálise*¹¹⁶, que a representação de palavra ocorrendo apenas no pré-consciente, refere-se ao exercício da função simbólica, ou seja à linguagem como função. Já a representação de coisa está relacionada à linguagem em sua função estruturante, isto é, está presente desde o início como causa estruturante da cadeia de significantes no inconsciente.

¹¹⁵S. Freud. *O Inconsciente*. (1915). Vol. XIV das Obras Completas de Freud. Ed. Standard Brasileira. Op. cit., p.230.

¹¹⁶J. Lacan. *A Ética da Psicanálise* (19). Seminário, Livro 7. Op.cit., p. 60.

Além dessa distinção, Freud ainda usa dois termos diferentes para denominar a Coisa : *die Sache* e *das Ding*. A Coisa (*die Sache*) está inserida na ordem das representações e, portanto, no universo simbólico. A Coisa (*das Ding*) , por outro lado, situa-se fora da ordem simbólica, não tendo nenhuma ligação com a linguagem.

Consoante ao acima exposto, a busca de restauração da experiência de satisfação original, a procura do encontro com a Coisa (*das Ding*), não pode ser feita no âmbito das representações, sendo, portanto, impossível ao homem. No entanto, a Coisa (*das Ding*) ainda assim se faz presença, e seu sinal advém no plano mesmo das representações ou dos significantes. Tal sinal não é, como se poderia pensar, uma coisa qualquer ou mesmo a Coisa disfarçada em objeto. Ele diz respeito a um vazio, impossível de ser preenchido por qualquer objeto. É o sinal da Coisa como objeto perdido. Lacan o denomina "objeto a".

Vê-se, pois, que o objeto , dito a (minúsculo) não é um objeto qualquer, nem tampouco, o objeto do desejo, é como diz Lacan, "objeto causa do desejo"¹¹⁷, e sua função é de ser produtor da falta.

3.3 - O REAL NA PSICANÁLISE

O conceito de real forjado por Lacan não se confunde nem com a realidade externa, nem com a realidade psíquica tal, como concebida por Freud. A primeira diz respeito ao mundo tal como apreendido pelo sujeito com sua ordem e regularidade. A segunda está relacionada à realidade do inconsciente.

O registro do real difere das outras noções de realidade, uma vez que ele é prévio à constituição do sujeito, não dependendo da ordem simbólica e distinguindo-se dela. Não se submete às leis de funcionamento, da realidade, quer externa quer psíquica.

¹¹⁷J. Lacan. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Seminário, Livro11. Rio de Janeiro,Zahar,1990, p. 160.

Para abordar determinadas dimensões (como a do Real) foi necessária a utilização da estrutura do mito. A mitologia freudiana liga-se às elaborações sobre o inconsciente e sobre a teoria das pulsões. Lacan avança na mesma direção, ao apresentar a trilogia real, simbólico e imaginário, a tetralogia dos discursos e mesmo uma "cosmogonia topológica". Freud lançou mão dos mitemas, Lacan usa uma escrita que denomina matemáticas, tentando levar o rigor da matemática às elaborações psicanalíticas.

3.4 - A TOPOLOGIA NOS ESCRITOS DE LACAN

A Topologia e a Matemática utilizadas por Lacan representam seu esforço em "formalizar a estrutura que sustenta a fenomenologia da experiência analítica".¹¹⁸

A Topologia geral pode ser definida como ciência dos espaços e suas propriedades. Seu objeto específico, poderia ser indicado como sendo a noção de espaço e as relações que o estruturam. Isso levando-se em conta que há uma invariância no próprio espaço. Que este em si mesmo não encerra a dimensão de profundidade. Nos termos de Jeanne Granon-Lafont

:

"É somente para aquilo que se encontra mergulhado no próprio espaço que, segundo seus movimentos que se desenrolam no tempo, vai existir um antes e um depois e, por extensão, um na frente e um atrás."¹¹⁹

O tempo e o movimento vão estruturar e definir um espaço considerado como plano, como superfície.

Os estudos topológicos consideram a noção de espaço como análoga à noção de estrutura. A mesma noção de estrutura utilizada pelas Ciências Humanas. Levi-Strauss, sem explicitá-lo, utiliza esquemas espaciais para representar as estruturas sociais que estuda. Ao utilizar conceitos estruturalistas, para esclarecer questões postas pela Psicanálise, Lacan

¹¹⁸J.-A. Miller. *O Percurso de Lacan*. Op. cit. p. 44 .

¹¹⁹ Jeanne Granon-Lafont. *A Topologia de Lacan*. Rio de Janeiro, Zahar, 1990, p. 13.

busca apresentar as elaborações específicas da Topologia e seu possível uso nas Ciências Humanas.

Tanto a Topologia quanto a Psicanálise têm, pois, objetos de estudo despidos de substância. São estudados apenas através de suas aparições, seus trajetos num certo espaço. É assim que um conceito fundamental na psicanálise lacaniana, como o de inconsciente, é apresentado como não tendo profundidade, como não sendo aquilo que se tem no interior, (uma interioridade). Pelo contrário, é considerado como exterior ao sujeito, localiza-se na superfície. Depreende-se, então, que o paradoxo - do qual o inconsciente é o ponto central, porque determina o sujeito, em que pese ser exterior a ele - denota uma questão tipicamente tratada pela Topologia: uma estrutura, que funda uma disposição espacial.

Para trabalhar a noção de inconsciente, Lacan recorre ao toro - figura topológica que oferece uma representação tridimensional, no qual o centro e o exterior são um único e mesmo espaço. Nas palavras de Lacan : uma superfície na qual

"(...) a exterioridade periférica e a exterioridade central constituem uma só região"¹²⁰

Em 1988, Miller apresenta um importante estudo sobre a inserção da Topologia no ensino de Lacan¹²¹. Seguiremos suas elaborações sublinhando alguns pontos indicados por ele. Segundo Miller, a Topologia não pode ser considerada como um capítulo dentro do ensino de Lacan, por mais que sua prevalência se dê nos anos dedicados aos estudos sobre a dimensão do Real. Apesar disso, a Topologia não se dissocia da obra lacaniana como um todo e pode ser encontrada, embora de maneira sutil, já nos escritos de 53. De fato, em "Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise" já se encontra uma referência à topologia do toro. O tema tratado nesse ponto do texto diz respeito à emergência da ordem simbólica e sua vinculação com a morte. Influenciado por Hegel, Lacan diz :

¹²⁰ J. Lacan. "Função e Campo..." *Escritos*. Op. cit., p. 185.

¹²¹ J.-A. Miller. "A Topologia no Ensino de Lacan". *Matemas II*. Buenos Aires, Manantial, 1988, p. 79-104.

"(...) o símbolo se manifesta primeiro como o assassinio da coisa, e essa morte constitui no sujeito a eternização do desejo"¹²²

Entre o símbolo e a coisa não há uma conformação natural, porque, ao ser representada pelo símbolo, a coisa se anula. Desta forma, a coisa é eternizada pelo símbolo, para além de sua existência. Já no sujeito, a operação que proporciona a entrada na ordem simbólica, condiciona tanto a morte da coisa, quanto constitui nele (sujeito) a eternização de seu desejo. Tal morte pertencente ao símbolo e que se abate sobre o sujeito da fala, não está situada além da vida (como a morte biológica). Ela reside no centro mesmo da experiência da palavra. É, ao mesmo tempo, exterior à linguagem e central no exercício da fala. Lacan diz:

"(...) esse sentido mortal revela, na fala, um centro exterior à linguagem, é mais que uma linguagem e revela uma estrutura. Essa estrutura é diferente da espacialização da circunferência ou da esfera, em que se compraz a esquematizar os limites do vivente e de seu meio: ela responde antes a esse grupo relacional que a lógica simbólica designa topologicamente como anel.

Ao querer dar dela uma representação intuitiva, parece que mais do que a superficialidade de uma zona, é à forma tridimensional de um toro que seria preciso recorrer."¹²³

Vê-se, pois, que através da figura topológica do toro, Lacan enfrenta o paradoxo de conceber a relação do simbólico com a morte. Relação essa que sustenta uma exclusão interna, onde a morte ocupa ao mesmo tempo uma posição periférica e central. A partir do referido texto, Lacan lança mão da espacialização, na medida em que implica a estrutura lá onde antes só se colocava em pauta a metáfora.

Constata-se, então, que a topologia é introduzida no ensino de Lacan com o significante, porém encontra-se presente durante toda a evolução de suas elaborações, até a articulação da teoria dos gozos.

¹²²J. Lacan. "Função e Campo..." *Escritos*. Op. cit., p. 184.

¹²³ Id., ib.

Na década de 60, Lacan utiliza os objetos topológicos: a banda de Moebius, a garrafa de Klein, o *cross-cap*. Em seguida, introduz o nó borromeano em 1972. Trata-se de um nó que une três rodinhas de barbante. Essas são presas apenas pela terceira rodinha e não amarradas umas às outras, o que significa que apenas o corte de uma delas basta para que as três se soltem.

Segundo Lacan, o nó borromeano é a "mais eminente representação do Um, no sentido em que ela encerra apenas um furo."¹²⁴ O Um refere-se ao S_1 , isto é, o significante Um barrado para que a partir daí se enlacem todos os outros. É o significante do desejo que supõe um vazio, "sem outra substância que não a que se garante pelos próprios nós"¹²⁵ da cadeia significante. Além disso, diz Miller :

"(...) sem a topologia, Lacan não poderia elaborar o sujeito sem substância que a experiência analítica requer"¹²⁶

A noção de sujeito sem substância já seria apresentada por Descartes no início da Segunda Meditação¹²⁷. Aparece aí um sujeito despido de suas propriedades e representação em busca da certeza da subjetividade e da objetividade do conhecimento científico. Porém, esse sujeito sem substância ocupa apenas uma pequena parte das meditações cartesianas. Na seqüência do texto das Meditações, o sujeito logo adquire novamente sua substância.

Outro filósofo que contribuiu para o delineamento de um sujeito dessubstancializado foi Sartre. Lacan busca essa referência ao se contrapor às elaborações da psicanálise do eu. Em seu livro *O Ser e o Nada*, Sartre opõe o "em-si", o ser como aquilo que é (nem ativo nem passivo, sem qualquer ligação fora de si, não derivando de nada, nem de outro ser), ao ser da consciência, o "ser-para-si" (como o que está por ser o que é), definido "como sendo aquilo que não é, e não sendo aquilo que é." Com relação a delimitação dessas duas regiões ontológicas, Sartre diferencia-se da dualidade cartesiana (*res cogitans* e *res extensa*), uma

¹²⁴J. Lacan. *Mais, ainda* (1972). Seminário, Livro XX. Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p. 173.

¹²⁵Ib., p. 171.

¹²⁶J.-A. Miller. "A Topologia no Ensino de Lacan". *Matemas II*. Op. cit., p. 87.

¹²⁷R. Descartes. *Meditações*. São Paulo, Abril, p.91-98.

vez que, para Sartre, o importante é a relação que se estabelece entre os dois modos de ser. Sartre se opõe a *res cogitans* cartesiana, na medida em que o "ser-para-si" é um vazio, uma falta que deve ser completada, uma fissura instalada dentro do ser e que é a marca do nada no interior da consciência. O ser da consciência é a pura indeterminação. No encontro da consciência com o ser, ocorre que a consciência - nada - fende o ser e, em consequência, o humaniza. A consciência, não sendo mais que um vazio (uma fenda), dirige-se ao mundo do "em-si" para conhecê-lo. Esse vazio da consciência tornará possível o distanciamento necessário à produção do conhecimento e da ação. Se o sujeito da consciência é vazio e não coincide consigo mesmo (se há um *déficit* de identidade), Sartre diz que ele fica sujeito a identificar-se.

Sem dúvida, existem semelhanças entre Sartre e Lacan com relação a esse modo de pensar o sujeito dessubstancializado, inclusive com relação a definição de desejo como um fato humano que remete a uma falta de ser. As diferenças, no entanto, referem-se a que em Sartre, o "déficit de identidade do sujeito nunca é pensado em relação ao em si opaco e em nenhum momento, é situado em relação com a linguagem."¹²⁸

Finalmente, Lacan aborda o sujeito sem substância através dos matemas e da combinatória da topologia. Ele evoca uma única substância como substância da experiência analítica, a saber, o gozo.

¹²⁸J.-A. Miller. "A Topologia no Ensino de Lacan." *Matemas II*. Op. cit., p. 89.

3.5 - SOBRE O GOZO

Lacan diz que é através da castração que o gozo é recusado para que possa ser atingido na escala invertida da Lei do desejo.¹²⁹ O gozo interdito é aquele infinito. Resta o gozo permitido que traz a marca da interdição. O chamado gozo fálico (falho) é determinado pela linguagem, instituído pelo significante do falo. Tal significante limita o gozo, ao funcionar como defesa contra ele e fazer surgir o desejo. O gozo fálico, portanto, pode ser situado no campo das representações (*Vorstellungen*). Porém, o gozo fálico, mesmo estando situado na dimensão significante, continua sendo responsável pela indicação do gozo excluído, aquele infinito e impossível, dimensionado no real. Pode-se concluir, portanto, que aquilo que institui o real é a borda do simbólico.

3.6 - A DIMENSÃO DO GOZO NO SINTOMA E NA FANTASIA

Para esclarecer o aparecimento do gozo na experiência analítica, Lacan estabelece a diferença entre sintoma e fantasia. O sintoma é compreendido pela teoria psicanalítica, inicialmente, como ponto obscuro, na rede de significações, a ser esclarecido pela interpretação. No entanto, ocorre uma mudança naquela teoria que, calcada sobre a prática analítica, não pode deixar de reconhecer os limites da interpretação. Constatou-se que o sintoma não se reduz aos efeitos da rede simbólica e que persiste sempre um resto - a dimensão real do gozo - após o esclarecimento do encadeamento significante responsável pela formação sintomática. Para dar conta dessa dimensão real do gozo contida no sintoma, Lacan, num primeiro momento, contrasta sintoma e fantasia, identificando a fantasia com a dimensão real do gozo. Já o sintoma aparece, normalmente, como o motivo pelo qual se procura a análise e caracteriza-se como uma formação significante, que supõe e se dirige ao Grande Outro -pleno, não barrado - em busca de um sentido, de uma interpretação. O

¹²⁹Cf. J. Lacan. "Subversão do Sujeito e a Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano " (1960). *Escritos*. Op. cit., p. 310.

sintoma pode ser analisado. A fantasia, por sua vez, aparece no final da análise e pode ser definida como uma construção resistente a qualquer modificação, a qualquer interpretação. Não se pode dizer que ela seja analisável. A fantasia presume um Grande Outro barrado, não pleno. O Outro barrado (\bar{A}) é um matema apresentado por Lacan, o qual contém duas significações: desejo do Outro e falta no campo do significante. Cabe lembrar que com a instauração da metáfora paterna, o Desejo da Mãe (do Outro) ocupa o lugar deixado pela ausência da Mãe (ausência do Outro) . Considerando-se esse ponto, pode-se dizer que a fantasia, concomitantemente, mantém e dissimula um vazio deixado no Outro, ou seja, ela equivale tanto à expressão de uma falta no campo do significante, como à manifestação do desejo do Outro.

No processo analítico, a manifestação ou o relato do sintoma podem ser motivo de desprazer, mas, em geral provocam satisfação, quando apreendidos em seu sentido. O fato de se desvendar os lapsos ou os sonhos desperta, normalmente, em nós satisfações intelectuais. Pelo contrário, as fantasias podem despertar prazeres íntimos, no entanto, seu relato é sempre algo que traz constrangimento e vergonha e mesmo angústia.

O início do trabalho analítico é marcado pela interpretação do sintoma e o final, pela travessia da fantasia, isto é, pela possibilidade de se posicionar de forma diferente com relação à formação fantasística, percebendo-se que seu papel é de dissipar a falta no Outro.

Deve-se esclarecer brevemente o que seria esse processo de travessia da fantasia. A fantasia fundamental (o fantasma) é o que confere ao sujeito sua maneira de ser e de agir no mundo. Porém, o sujeito nada sabe do essencial de seu fantasma. Esse essencial do fantasma é construído durante o processo de análise. Pode-se dizer que ele seria o precipitado que resta da decantação das várias fantasias que aparecem durante o processo analítico. Paralelamente a essa decantação, ocorre também uma mudança de posição do sujeito com relação a seu fantasma, ou seja, a travessia do fantasma.

3.7 - DO IMPASSE FREUDIANO AO PASSE LACANIANO

Ao abordar a dimensão do Real na última etapa de seu trabalho, Lacan empenha-se em remover alguns impasses deixados pela psicanálise freudiana.

Freud, em *Análise Terminável e Interminável*,¹³⁰ diz que toda experiência psicanalítica é limitada por uma resistência, por um impasse, a saber, o complexo de castração. Isso significa que toda análise terá pontos irredutíveis constituídos por seqüelas do complexo de castração no inconsciente. Freud conclui sobre esse tema da seguinte forma :

"seria difícil dizer se e quando conseguimos êxito em dominar esse fator num tratamento analítico. Só podemos consolar-nos com a certeza de que demos à pessoa analisada todo incentivo possível para reexaminar e alterar sua atitude para com ele."¹³¹

Lacan retoma Freud, seguindo com fidelidade suas indicações também nesse ponto. Ele diz em "A Significação do Falo" que há em toda análise um resíduo irredutível, pois "o complexo de castração inconsciente tem uma função de nó."¹³² Todavia, ao pôr em evidência esse tópico, Lacan começa perceber a possibilidade de caminhar com a análise para além daquele ponto indicado por Freud como irredutível. Convém, assim, seguir Lacan em "Da *Trieb* de Freud e do Desejo do Psicanalista", acompanhando suas elaborações sobre a questão da castração. Segundo ele,

"A castração é o recurso inteiramente novo que Freud introduziu no desejo, dando à carência do desejo o sentido que havia permanecido enigmático."¹³³

Resta desse processo de castração simbólica um objeto perdido, que se torna tanto objeto causa do desejo, quanto objeto de desejo. Lacan o designa objeto a , e ele terá a característica de ser sempre faltante e de inscrever a presença de um vazio possível de ser

¹³⁰S. Freud. *Análise Terminável e Interminável* (1937). Vol. XXIII das Obras Completas de Freud. Op. Cit., p. 239.

¹³¹Ib., p. 284.

¹³²J. Lacan. "La Significación del Falo"(1958). *Escritos*. Op. cit., p. 665

¹³³J. Lacan. "Del *Trieb* de Freud y del Deseo del Psicoanalista"(1964). *Escritos*. Op. cit. , p. 831.

preenchido por qualquer objeto substituto, que será simbolizado através da seqüência indefinida de significantes. O desejo é assim desdobrado, através da cadeia significante, em demanda e é dirigido ao Outro (da linguagem, do inconsciente). A castração vem significar, portanto, que a demanda (de preenchimento do vazio, de plenitude) não pode ser atendida, que há aí uma relação impossível. Lacan concorda, então, com Freud, quando enuncia que o fim da análise não pode ser situado a nível de uma relação sexual, uma vez que essa é impossível.¹³⁴ O final da análise só pode ser resolvido a partir da ausência de relação : ora, a cena que representa a relação impossível do sujeito com seu objeto de desejo é a fantasia. Logo, o final da análise supõe a manifestação de uma ausência e é indicado por Lacan como estando relacionado com a travessia da fantasia e com a separação do objeto.

Ao chegar a essa conclusão, Lacan vai além de algo que ele próprio afirmou anteriormente, baseado na tese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, a saber, que o sintoma se resolve inteiramente numa análise de linguagem. Tomar o ensino de Lacan somente até esse ponto, no qual toda elaboração está voltada para a sistematização do simbólico, denota valorizar apenas a interpretação como significativa. Tal fato funda a ilusão da análise infinita, uma vez que a significação é um deslizar constante ao longo de uma cadeia.

Em um momento mais avançado de sua elaboração teórica - aquele marcado pelo encontro com o Real - Lacan nos alerta para o fato de que a experiência analítica é composta não só pela dimensão da metonímia do desejo, mas também por outra dimensão: aquela da fantasia. A primeira dimensão refere-se ao sujeito errante, em seu deslizar constante, através das cadeias significantes; a segunda diz respeito à fixação. É que o deslizamento significante ($S_1 - S_2$) está relacionado com a impossibilidade do sujeito encontrar no significante uma significação absoluta, uma identidade certa. Ora, se o sujeito experimenta o vazio de si mesmo, a falta de ser, ao ser apenas representado por um significante, a fantasia,

¹³⁴Relação sexual impossível, quando entendida como possibilidade de completude amorosa e superação da falta fundamental que funda o sujeito.

por sua vez, é aquilo que permite ao sujeito ser o significante [bem entendido, o significante da falta no Outro: $S(\hat{A})$]. O objeto é, outrossim, oposto ao significante, uma vez que não é substituível, não representa nada para o outro, não desliza. O objeto é, portanto, o que detém e fixa o sujeito.

O discurso analítico, sem dúvida, tem seu suporte na estrutura das formações do inconsciente; não obstante torna também manifesta a estrutura da fantasia. É fechado, portanto, pela articulação dessas duas estruturas.

Em conclusão, pensar com Lacan o fim da análise significa, em primeiro lugar, pôr em questão o impasse colocado por Freud, qual seja, a angústia de castração como um limite intransponível, e, a partir daí, compreender o que seja o passe: a travessia da fantasia e a disjunção do sujeito e do objeto, o que abre uma passagem possível, posto que não significa um limite absoluto.

3.8 - A CONTINGÊNCIA DO FINAL DA ANÁLISE

Em seus últimos seminários, Lacan põe em pauta o tema do gozo, para explicar o caso de sintomas que persistem após sua interpretação e mesmo após a travessia da fantasia. Ele refere-se à "ex-sistência" de um núcleo real impossível (o Real da coisa) o qual encarna o gozo e resiste à simbolização, ou seja, indica uma dimensão do sintoma que não pode ser interpretado, nem "atravessado" como a fantasia.

O termo "ex-sistência" é utilizado por Lacan para indicar a existência do real como algo que ultrapassa toda a realidade comum e que não se submete à simbolização. Ele faz menção aos sentidos opostos que contém a noção de existência. Por um lado, a existência no sentido de simbolização, ou seja, somente aquilo que é simbolizável existe plenamente; e de outro lado, a "ex-sistência" do Real da Coisa - que contém o gozo - e que é impossível de ser simbolizada. Para aceder ao universo simbólico o ser humano é forçosamente excluído da "ex-sistência". Essa, porém, persiste por traz da significação, como uma dimensão radical

que, no processo analítico, não pode ser interpretado como o sintoma, nem "atravessado" como a fantasia. Lacan acredita ser esse o ponto limite do processo analítico.

Nas elaborações feitas por Lacan na última década de seu ensino, encontra-se a definição do momento final do processo analítico como sendo a "travessia da fantasia e a identificação com o sintoma". Isso significa uma mudança na concepção segundo a qual o final do processo analítico coincidiria com a dissolução do sintoma via interpretação e a identificação com a fantasia. Em suas elaborações finais, Lacan indica que aquilo que ocorre no término de uma análise é, por um lado, o distanciamento da fantasia (travessia da fantasia e disjunção do sujeito e do objeto) e, por outro, a identificação com a particularidade patológica do sintoma. É nessa particularidade do sintoma, nesse núcleo de gozo, protegido de toda eficácia simbólica, que deve ser reconhecida a consistência do ser.

Como é sabido, nos textos anteriores a 64, Lacan refere-se a um caminho a percorrer para se chegar ao final da análise. Tal final implica uma passagem (um "passe") da condição de analisante àquela de analista. Nesse caminho acontece algo semelhante a tentativa de alcançar o "desejo em seu estado puro". Com efeito, se o sintoma é concebido como "um modo de o sujeito ceder quanto a seu desejo", a forma de se alcançar a verdade do desejo só é possível, quando o sintoma se desfaz através da interpretação. Para se alcançar o "desejo puro" seria então necessária a eliminação do sintoma, bem como a travessia da fantasia, o que implicaria num processo de purificação do desejo, conseguido através da eliminação de parcelas de gozo. Todavia, ao afirmar que "o desejo do analista não é um desejo puro"¹³⁵, Lacan apresenta uma concepção modificada com relação ao "passe". Não acredita mais que o desejo do analista seja aquele desejo puro, por ter-se livrado de parcelas significativas de gozo. Agora, Lacan procura uma identificação voltada exatamente para a forma singular, com a qual o gozo se apresenta. Porém, essa identificação com o sintoma - que ocorre no momento do passe - difere daquela que diz respeito ao ato

¹³⁵J. Lacan. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Seminário, Livro 11. Op. cit., p. 260.

louco que pode irromper na histeria. A identificação com o sintoma é vista por Lacan como uma passagem ao ato que, entretanto, se distingue da atuação histérica (*acting out*), a qual pode ser compreendida como um ato que tenta suprimir uma impossibilidade de simbolização, porém, que traz em si uma mensagem não decodificada, com a qual a identificação é feita. Tal mensagem indica uma culpa e uma ação no sentido de um pedido de desculpa dirigido ao Outro. Na passagem ao ato se verifica, dessa forma, uma saída da rede simbólica, de modo que a identificação seja feita com o sintoma, em sua dimensão de tique patológico, estruturador do núcleo real do gozo.

Avançar até esses pontos, sem dúvida, significa alargar os limites da operação analítica. Não obstante é o próprio Lacan que nos alerta para a potência relativa dessa operação, no que diz respeito à conclusão de uma análise, chegando mesmo a se referir a esse momento conclusivo, como o efeito de um "truque contingente."¹³⁶

¹³⁶J. Lacan. *Mais Ainda* (1972-1973). Seminário, Livro XX. Op.cit., p. 157.

▷ | *Conclusão*

A leitura dos *Escritos* e de alguns Seminários de J. Lacan reflete uma intenção epistemológica, isto é, considerando que a teoria psicanalítica está calcada na prática clínica, busquei compreender como é construída a noção de subjetividade na Psicanálise, e de que forma essa concepção determina os parâmetros técnicos empregados no tratamento.

A delimitação da noção de subjetividade foi referendada a partir dos registros do Real, do Simbólico e do Imaginário, tal como foram elaborados por Lacan. Em sentido semelhante, o que norteou a divisão dos capítulos, que compõem a pesquisa, foi a referência aos três registros. Optei por apresentá-los na seguinte ordem: Imaginário, Simbólico e Real; isto, por se considerar que, embora estejam presentes, e ao mesmo tempo, no discurso lacaniano, cada um dos registros ocupa, sucessivamente, lugar de destaque ao longo de sua obra.

Lacan elabora a noção de imaginário, tendo como ponto de partida a concepção de narcisismo desenvolvida por Freud. Suas formulações sobre a "fase do espelho" postulam a constituição do eu humano como fundamentada numa relação imaginária. Nessa relação imaginária, que o sujeito mantém com seus objetos, existe sempre a ameaça de dissolução de um dos pólos. Ou seja, tanto a percepção da unidade de um dos pólos ameaça a unidade do outro, quanto a estruturação imediata (a relação narcísica) do eu e do mundo fica sempre ameaçada de dissolução.

Essa concepção psicanalítica a respeito da noção de eu difere completamente daquela proposta pela psicologia clássica. Ao contrário dessa psicologia, que tem suas raízes calcadas na filosofia cartesiana, o eu proposto pela Psicanálise não será mais uno, nem designará o lugar da verdade do sujeito. Ele assinalará, agora, a imagem que o sujeito

tem de si mesmo. Tal concepção traz consequências para o tratamento, uma vez que, ao se considerar a função eminentemente imaginária do *ego*, a postura do analista não pode ser aquela de tomar o eu como guia durante o processo de tratamento e procurar reforçá-lo. Ao agir assim, não se está considerando que é o sujeito (como representado entre os significantes) - e não o *ego* - que se deve tomar no percurso em direção à verdade.

Além disso, ainda explorei outro ponto importante da abordagem lacaniana, qual seja, a distinção estabelecida entre os domínios do imaginário e do simbólico. Ao teorizar sobre a fase do espelho e ao retomar as elaborações freudianas sobre o complexo de Édipo, a contribuição de Lacan consistiu em demarcar a significação da subjetividade na Psicanálise.

Dando continuidade à discussão a respeito da concepção de subjetividade desde o ângulo da Psicanálise, abordei, em seguida, a relação simbólica tal como definida por Lacan como aquela que propicia a mediação entre o sujeito e os objetos, e, mesmo, entre os sujeitos no mundo. A mediação feita pela linguagem, pela cultura, pela ordem social estruturam a percepção do sujeito, ao lhe dar permanência temporal. A percepção que se tem de si mesmo e do mundo com algum caráter de unidade é produzida pelo simbólico. É a função simbólica que faz com que o sujeito tenha uma percepção do mundo diferente de um caos de imagens sem ordem e sem permanência no tempo. Torna possível a noção de passado e futuro, bem como o reconhecimento entre os sujeitos. A função mediadora do símbolo, dando condições ao reconhecimento entre os sujeitos, permite a superação do desejo de morte para com o outro, característica primordial da relação dual, imaginária. O reconhecimento - via fala - evita que se fique prisioneiro de sua própria subjetividade.

Além disso, o processo de simbolização - que permite a constituição da subjetividade humana - também marca o estabelecimento de uma estrutura de divisão psíquica: um sujeito consciente e um sujeito do inconsciente. O advento do inconsciente dá-se a partir do recalque originário, que tem como objeto os significantes do "Desejo-da-Mãe", ou seja significantes fálicos ou primordiais que, participando do processo de

substituição metafórica, tornar-se-ão o núcleo do inconsciente originário. Outra consequência dessa divisão do sujeito diz respeito a que esse, ao tornar-se ser de linguagem, perde-se nessa mesma linguagem que o causou, porque é propriedade da linguagem evocar um real ausente a partir de um representante simbólico que o apresenta. Nessas condições, o sujeito só aparece em seu discurso representado por um símbolo. Ele mesmo não está presente aí. A linguagem tampona a possibilidade de seu ser genuíno. Isso que é expulso do sujeito da fala, não sendo simbolizado, aparece em outro domínio distinto, qual seja, o real.

Finalmente, discorri sobre a noção lacaniana de real, entendida como aquela que não se confunde com a realidade externa, e diz respeito à realidade psíquica tal como compreendida pela Psicanálise, ou seja, à realidade inconsciente, do desejo e de seus fantasmas. Realidade essa, que possui dinâmica própria e significação isolada, que não remete a nada, uma vez que não está submetida à ordem simbólica, ficando, então, imune às defesas que funcionam nas neuroses.

Na medida em que a dimensão do real é distinta da ordem do simbólico, ela é sempre suposta. O real situa-se além do princípio do prazer e funciona mesmo como um obstáculo à ele. Por não estar submetido ao simbólico, e situar-se além do princípio do prazer, o real é um domínio não sexualizado. A fantasia (via desejo), quando se articula no campo do simbólico, sustenta a sexualidade, porém o objeto situado na dimensão do real não o faz.

Também ocorre que o real, não estando situado na dimensão do simbólico, não participa do circuito da fala e, portanto, nem da mentira ou do disfarce que se utiliza para ocultá-lo, donde se dizer que o real é sempre verdadeiro.

Tratar, portanto, a noção de real, significa lidar com o silêncio conceitual. Essa questão, levantada pela Psicanálise através de sua prática e de sua teoria, faz descortinar um limite diante do vazio abismal que se segue à borda do universo simbólico. O que a Psicanálise, (também um discurso conceitual) consegue - ao tentar ir de encontro ao real - é alargar seus limites. Se por um lado, há um saber de que o real é impossível de ser

alcançando, por outro lado, há também a exigência de que o real seja levado em consideração, uma vez que o sujeito é em grande parte determinado por essa dimensão.

Em seu percurso teórico, Lacan elabora os fenômenos da prática clínica - em especial o sintoma - , a princípio, na dimensão imaginária, depois, na dimensão simbólica e por fim na dimensão real.

Já se viu que a dimensão simbólica é a referência primeira, que estrutura e torna possível o sentido inteligível das outras dimensões. O analista utiliza especificamente os meios da linguagem e do significante para empreender seu trabalho. No entanto, teorizar sobre o real se faz necessário, uma vez que a experiência clínica indica que em toda análise há sempre um resíduo impossível de modificar. Freud já constatava tal fato no texto *Uma criança é espancada*, ao dizer:

(...) "o analista tem que admitir ante si mesmo que essas fantasias, sua maioria, subsistem separadas do resto do conteúdo da neurose, no fundo, não encontram um lugar apropriado na sua estrutura"¹³⁷

Freud alude, pois, a um tipo de conteúdo, à fantasia fundamental, que resiste à formulação dentro do processo analítico e constitui seu ponto limite. Lacan fala da "estática da fantasia", em "Kant com Sade"¹³⁸, ao dizer que é justamente a inércia verificada na experiência analítica que indica a dimensão real da fantasia, explicitada, então, como resíduo da própria operação analítica.

O enunciado lacaniano segundo o qual "o inconsciente estruturado como uma linguagem", continua válido, porém isso não implica que todo material seja interpretável. Aquilo que não se interpreta - este resto que constitui a fantasia fundamental - tem uma função. Essa fantasia é ela mesma um instrumento de interpretação analítica, uma vez que aquilo que resta é o responsável por toda a produção.

¹³⁷S. Freud. *Uma criança é espancada*(1924). Vol.XVII das Obras Completas de Freud, p. 230.

¹³⁸ J. Lacan. "Kant com Sade" (1963). *Escritos*. Op. cit.

No último item da pesquisa, faz-se referência à trabalhos desenvolvidos por Lacan na década de 60-70, cujo tema é o final da análise. Apenas foram feitas breves indicações a respeito da concepção modificada com relação ao passe apresentada por Lacan, nesses últimos trabalhos. Trata-se de mudar a percepção com relação ao desejo do analista, que não mais é concebido como "puro" por ter se livrado de parcelas significativas de gozo. Procura-se, no final de uma análise, a partir dessa nova elaboração, além do distanciamento da fantasia (travessia da fantasia e disjunção sujeito e do objeto), uma identificação voltada, exatamente, para a forma singular com a qual o gozo se apresenta, ou seja, uma identificação com o sintoma em sua dimensão de tique patológico, estruturador do núcleo real do gozo. No entanto, deixamos de lado o desenvolvimento dessas últimas elaborações lacanianas, por se observar que, as considerações finais, tecidas acerca da direção do tratamento e das concepções teóricas que a fundamentam, são aquelas normalmente aceitas e veiculadas no meio psicanalítico. Outra questão que impediu o avanço desse tópico, foi o difícil acesso a seminários ainda inéditos - dentre eles o seminário sobre o sintoma (1975-76) - que contém maiores indicações sobre tal tema. Por essa razão esse novo tema, ainda pouco explorado dentro das concepções propostas por Lacan, foi deixado como indicação para ser realizado em outro momento.

Concluindo, acredito ter conseguido demarcar os principais parâmetros que embasam a concepção de subjetividade no pensamento laciano, bem como, deduzir daí as contribuições que tais elaborações trouxeram para o desenvolvimento da clínica psicanalítica.

◇ | *Bibliografia*

- AULAGNIER-SPAIRANI, PIERA. "Remarques sur la structure psychotique, *La psychanalyse*, n° 8, 1964.
- CHATELET, F. *História da Filosofia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- CLÉMENT, CATHERINE. *Vidas e Lendas de Jacques Lacan*. São Paulo, Moraes, 1983.
- DE SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, Cultrix, 1980.
- DESCARTES, R. *Meditações*. São Paulo, Abril, 1979.
- _____ *Objeções e Respostas*. São Paulo, Difel, 1962 c.
- DE WAELHENS, A. *La Psicosis*. Madrid, Morata, 1982
- DOR, J. *Introdução à Leitura de Lacan*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- FREUD, S. *Esboços para a "Comunicação Preliminar"*. Obras Completas de Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, Vol. I, 1977.
- _____ *Estudos sobre Histeria*. Obras Completas de Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, Vol. II, 1977.
- _____ *A Interpretação dos Sonhos*. Obras Completas de Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, Vol. V, 1977.
- _____ *Sobre o Narcisismo - uma introdução*. Obras Completas de Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, Vol. XIV, 1977.
- _____ *Repressão*. Obras Completas de Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, Vol. XIV, 1977.
- _____ *O Inconsciente*. Obras Completas de Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, Vol. XIV, 1977.

_____ *O Ego e o Id.* Obras completas de Freud. Edição Standard Brasileira . Rio de Janeiro, Imago, Vol. XIX, 1977.

_____ *Análise Terminável e Interminável.* Obras Completas de Freud. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, Vol. XXIII, 1977.

GARCIA, C. *Incompletude e Tematizações do Real.* Belo Horizonte, Tahl, 1993.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o Inconsciente.* Rio de Janeiro, Zahar, 1984.

_____ *O Mal Radical em Freud .* Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

GODINO CABAS, A. *Curso e Discurso da Obra de Jacques Lacan.* São Paulo, Moraes, 1982.

GRANON-LAFONT, JEANNE. *A Topologia de Jacques Lacan.* Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

HEIDEGGER, M. *Essais et conférences.* Paris, Gallimard, 1958.

IRIGARAY, LUCE. "Communications linguistique et spéculaire". *Sur l'objet de la psychanalyse, Cahiers pour l'Analyse*, Paris, mai/ juin/ 1966.

JAKOBSON, R. *Essais de Linguistique générale.* Paris, Minuit, 1963.

KOJÉVE, A. *Introduction à la Lecture de Hegel.* Paris, Gallimard, 1947.

LACAN, J. *Escritos.* México, Siglo Veintiuno, 1984.

_____ 1946 - "Acerca de la causalidad psíquica".

_____ 1948 - "La agresividad en psicoanálisis"

_____ 1949 - "El estadio del espejo como formador de la función del yo (je)
tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica".

_____ 1951 - "Intervención sobre la transferencia".

_____ 1953 - "Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis".

_____ 1954 - "Introducción al comentario de Jean Hyppolite sobre la
Verneinung de Freud".

_____ 1956 - "La cosa freudiana o sentido del retorno a Freud en psicoanálisis".

_____ 1956 - "Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista".

_____ 1957 - "La instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud".

_____ 1958 - "La significación del falo".

_____ 1958 - "La dirección de la cura y los principios de su poder".

_____ 1959 - "En memoria de Ernest Jones: Sobre su teoría del simbolismo".

_____ 1960 - "Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano".

_____ 1960 - "Posición del inconsciente".

_____ 1961 - "La metáfora del sujeto".

_____ 1963 - "Kant con Sade".

_____ 1964 - "Del *Trieb* de Freud y del deseo del psicoanalista".

_____ 1966 - "La ciencia y la verdad".

LACAN, J. *Écrits*. Paris, Seuil, 1965.

_____ *Escritos*. São Paulo, Perspectiva, 1978.

_____ "Os escritos técnicos de Freud". Seminário, Livro 1 (1953-54). Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

_____ "O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise". Seminário, Livro2 (1954-55). Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

_____ "A ética da psicanálise". Seminário, Livro 7 (1959-60). Rio de Janeiro, Zahar, 1991

_____ "Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise". Seminário, Livro11 (1964). Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

_____ " *Mais, ainda*". Seminário, Livro 20 (1972-73). Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

_____ *O mito individual do neurótico*. (1953). Lisboa, Assírio e Alvim, 1980.

LACOUÉ- LABARTHE, P e NANCY, J-L. *Le titre de la lettre*. Paris, Galilée, 1973.

- LAPLANCHE, J e PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. Santos, Martins Fontes, 1979.
- LEGUIL, F. *A entrada em análise e sua articulação com a saída*. Bahia, Publicação do Forum Iniciativa Escola, 1993.
- LEMAIRE, ANIKA. *Jacques Lacan, uma introdução*. Rio de Janeiro, Campus, 1982.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Estruturas Elementares de Parentesco*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- _____ *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.
- LITTRE, M.-P.-E. *Dictionnaire de la Langue Française*. Paris, Gallimard, 1968.
- MENESES, P. *Para Ler a Fenomenologia do Espírito*. São Paulo, Loyola, 1985
- MILLER, J.-A. *O Percurso de Lacan*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- _____ *Matemas I e II*. Buenos Aires, Manantial, 1988.
- ORTIGUES, E. *Le Discours et le Symbole*. Paris, Aubier,
- RICŒUR, P. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- Gallimard, 1968.
- SOLER, COLETTE. *Finales de Analisis*. Buenos Aires, Manantial, 1988.
- TAVARES, H. C. *Troca de mulheres (Em Lévi-Strauss e Lacan)*. Rio de Janeiro, Hólon, 1993.
- VERGOTE, A. *Qu'est ce que l'homme. Homenage à Alphonse De Waelhens*. Bruxelas, Facultés Universitaires Saint-Louis, 1982.
- VALEJO, A. *Topologia de J. Lacan*. Buenos Aires, Helguero, 1979.

Errata

- . Na página 7, terceiro parágrafo, citação, onde se lê “E narcisismo secundário como aquele que designa retirada dos seus investimentos objetais”, leia-se “E narcisismo secundário como aquele que designa um retorno ao ego, da libido retirada dos seus investimentos objetais”.
- . Na página 11, último parágrafo, onde se lê sobreviver, leia-se sobrevir.
- . Na página 12, item 1.3., segundo parágrafo, formatação incorreta da frase.
- . Na página 14, item 1 onde se lê pecebido, leia-se percebida.
- . Na página 14, pé-de-página, onde se lê tem, leia-se têm.
- . Na página 15, pé-de-página, onde se lê Aulagner, leia-se Aulagnier.
- . Na página 17, pé-de-página, onde se lê Irrigary, leia-se Irigaray.
- . Na página 25, primeiro parágrafo, parêntese fora de lugar.
- . Na página 33, segundo parágrafo, parêntese fora de lugar.
- . Na página 43, item 2.5., segundo parágrafo, onde se lê participar, leia-se participarem.
- . Na página 47, terceiro parágrafo, vírgula fora de lugar.
- . Na página 52, pé-de-página, onde se lê César, leia-se Cesar.
- . Na página 59, primeiro parágrafo, parêntese fora de lugar.
- . Na página 59, primeiro parágrafo, formatação incorreta da frase.
- . Na página 62, segundo parágrafo, parêntese fora de lugar.
- . Na página 65, formatação incorreta da frase.
- . Na página 72, primeiro parágrafo, onde se lê Na passagem ao ato se verifica, dessa forma..., leia-se Na passagem ao ato se verifica, pelo contrário...